

CORPO BIOPLÁSMICO (Impacto na Biologia)

**CHICO XAVIER: o homem,
o médium e o mito**

Educação para a Era Cósmica

O Diabo não é tão mau como aqueles que lhe vendem a alma. O mundo está cheio de almas diabólicas que pretendem lograr o Diabo, vendendo-lhe o que pensam não possuir. O Diabo se diverte com elas. O Dr. Fausto Fauniano é uma dessas almas desalmadas que fazem cada coisa! Só vendendo o que ele faz no seu

CONSULTÓRIO DO DIABO

**QUEM CONVERTEU
GUERRA
JUNQUEIRO?**



Educação para a Era Cósmica

J. Amaral Simonetti

A Educação está em crise. E essa crise tende a agravar-se cada vez mais. Porque numa civilização em mudança, como a nossa, segundo a tese de Kilpatrick, não é possível o reajuste imediato dos processos educacionais com a realidade extremamente mutável. Tudo muda constantemente ao nosso redor, e nossas escolas pretendem formar as novas gerações amoldando-as a padrões superados.

Além disso, as chamadas antinomias pedagógicas aumentaram de grandeza, como os tiques e as preocupações normais das pessoas aumentam e se transformam em desequilíbrios nos estados de crise psico-emocional. Quais seriam os motivos básicos desse estado conflitivo? E quais as soluções possíveis?

EXIGÊNCIAS NOVAS

Antes de mais nada é preciso lembrar que os novos tempos exigem novos processos. E que esses processos não podem basear-se apenas em novas técnicas. Uma nova mentalidade está nascendo, uma nova maneira de ver e encarar as coisas. Qualquer tentativa de reajuste no campo educacional tem de partir de uma reformulação das doutrinas pedagógicas. Sem essa modificação das estruturas fundamentais a crise educacional do nosso tempo não será jamais vencida.

O QUE É O HOMEM?

A Educação tem por objeto a criatura humana — o homem. Sua finalidade é transformar a criança e o adolescente numa criatura amadurecida, fazer do jovem um adulto. Mas como fazer isso, se não soubermos exatamente o que é o homem? Antigamente encarava-se o homem, em nossa civilização ocidental, como uma criatura caída, filha do pecado. A finalidade da Educação era a salvação do homem. O modelo ideal da Paidéia grega foi substituído pelo esforço místico da salvação da alma pecadora. A Idade Média foi o cadinho gigantesco em que se forjou a deformação do homem. O Renascimento tentou superar essa situação negativa e gerou, com o mundo moderno, um conceito néo-pagão do homem, dando nascimento à Educação Leiga. Esta nova forma educacional entrou em luta aberta com a Educação salvacionista e acabou por vencê-la. Mas o instinto religioso reagiu contra isso e o conflito se restabeleceu.

As escolas religiosas apegaram-se aos seus dogmas e as escolas leigas aos dogmas do materialismo. Para aquelas, o homem era a alma pecadora a redimir-se. Para estas, o homem era apenas um animal racional a libertar-se das superstições.

O HOMEM NOVO

O desenvolvimento das Ciências ofereceu novos dados à interpretação do homem. Prevaleceu, pouco a pouco, o conceito do homem como criatura produzida pela evolução. Rousseau substituiu a queda mitológica de Adão e Eva pela queda social. O homem sai puro das mãos de Deus, mas torna-se mau e pecador no meio social. A tese da bondade natural contribuiu para o aparecimento de formas de Educação conciliadoras: a Pedagogia Filantrópica de

Pestalozzi, as Pedagogias Espiritualistas modernas e a Pedagogia Pragmática norte-americana. Mas as Pedagogias nazi-fascistas liquidaram os sonhos da bondade natural e, em consequência, voltou a predominar o conceito da Educação Laica, aplicada a um homem que devia apenas preparar-se para a vida prática.

O próprio conceito de evolução foi substituído pelo conceito de mudança. Nessa confusão permanecemos ainda. As escolas de educação religiosa insistem nos dogmas do pecado e as escolas de educação pragmática sustentam a concepção do homem natural, que deve adaptar-se à sociedade do seu tempo. O conceito do homem reduziu-se a uma visão existencial vazia e trágica: **o homem é uma paixão inútil**, segundo Sartre.

Mas a esse conceito opõem-se os dados mais recentes da pesquisa científica universitária. A Parapsicologia, e por fim a Biologia e a Física oferecem-nos a imagem de um homem novo, dotado de percepção extra-sensorial e de um corpo bioplásmico, em tudo semelhante ao corpo espiritual da teoria cristã do Apóstolo Paulo. E esse novo homem se transformou em astronauta.

A EDUCAÇÃO NOVA

O homem novo não se apresenta mais como um produto exclusivo da evolução terrena. Não está mais fechado na trama dos sentidos orgânicos. Admite-se abertamente — no próprio campo científico e até mesmo no campo do materialismo ideológico — a possibilidade de vida humana em outros planetas ou em outros corpos celestes. Admite-se a sobrevivência do homem à morte corporal. O homem novo se apresenta como espiritual, dotado de capacidades cósmicas, de faculdades de percepção que lhe permitem a vida fora da Terra. É inegável que estamos no limiar da Era Cósmica. O homem necessita de uma educação que o prepare para essa era.

A Educação Nova não pode ser espiritualista nem materialista, não pode ser religiosa nem leiga, tem de ser uma síntese dessas contradições. O processo dialético da evolução humana atinge o momento em que o último reduto do geocentrismo do passado — o organocentrismo ainda vigente em nossa cultura, — é abalado em seus fundamentos. E a Educação Nova, a revelia dos pedagogos religiosos e materialistas, apareceu na América, e particularmente no Brasil, através da formação espontânea de uma rede escolar que já abrange todos os graus do ensino e anuncia uma Educação Global, psico-somática, na qual espiritualismo e materialismo se conjugam, atendendo às exigências do homem no plano corporal e no plano espiritual.

A NOVA PEDAGOGIA

Falta ainda a essa Educação Nova uma Pedagogia orientadora. Mas ela já desponta entre nós. Como sempre aconteceu na História da Educação, primeiro aparece, no plano social, uma forma ainda imprecisa de Educação que se opõe às anteriores e abre caminho para o futuro. Depois, da reflexão dos pedagogos sobre o novo fato vai surgindo a Pedagogia Nova. Uma revista pedagógica diferente foi lançada em São Paulo, em fins de 1970, em solenidade realizada no Centro do Professorado Paulista, pela Editora Edicel. É a revista **Educação Espírita**, única no mundo, elaborada pelo Grupo Espírita de Estudos Pedagógicos. Pretendia circular trimestralmente, mas logo teve de restringir-se a edições semestrais. No ano passado só conseguiu aparecer uma vez. Seu último número está circulando neste momento. É o número 6. Mas já trás o primeiro fruto da sua teimosia: os primeiros capítulos do primeiro **Compêndio de Pedagogia Espírita** a ser publicado no mundo.

Esse compêndio coloca o problema da Educação para a Era Cósmica. Uma Educação que deve levar em conta as novas dimensões do homem, suas possibilidades de conquistar o Cosmos e de ser educado para integrar-se na Humanidade Cósmica. Desde o curso primário o educando é encarado segundo a **teoria aparenial da criança**, formulada pelo filósofo argentino Humberto Mariotti. De acordo com essa teoria, a criança é uma criatura reencarnada, que traz consigo um potencial de conhecimentos e experiências a ser desenvolvido na vida presente. A Nova Educação deve basear-se em métodos de estímulo, como os de Maria Montessori, e seguir as diretrizes pedagógicas de Kerchsteiner (pedagogo alemão) e de René Hubert (pedagogo francês) para desenvolver no educando os seus potenciais ocultos.

EDUCAÇÃO GLOBAL

Fala-se hoje em Educação Permanente. A Educação Nova proposta pelos espíritas é global e imanente. Global porque abrange o homem total, em todos os seus aspectos internos e externos, aprimorando-lhe o espírito e o corpo. Imanente porque existe naturalmente no próprio homem, como exigência de sua própria consciência. Educar, portanto, não é tão difícil, quando compreendemos que basta estimular no homem as suas potencialidades educacionais.

Segundo essa Educação Nova as escolas não devem modelar o educando, mas apenas despertar-lhe o desejo inato de superar-se a si mesmo, o impulso inato de transcendência. O educador novo não é um professor, mas um guia espiritual que tenta conduzir o educando à sua própria realização. Um verdadeiro pedagogo, na expressão clássica dessa palavra. Por isso, os currículos escolares não devem ser asfixiantes, sobrecarregando o aluno, mas flexíveis e livres, estimulando o aluno.

O problema religioso se entrosa no quadro global do processo educacional. Não há ensino sectário, mas esclarecimento do da questão religiosa como resultante de uma tendência inata da criatura humana, do seu desejo inato de transcendência.

CANTO

HERCULANO

DO HOMEM NOVO

Pisarei de cabeça erguida no limiar do amanhã.
Desvencilhei-me do passado. Meu compromisso é o futuro.
Rasguei a carta fajuta da moral hipócrita,
quebrei os ídolos de barro,
esmaguei sob os pés os dogmas da crença e da descrença.
Não busco a verdade nos mitos: encontrei-a em mim mesmo.

Bebo o vinho da vida sem pedir licença.
Lavo a face da Terra com a água da verdade.
O fingimento, a mentira, a adulação, a perfídia
provocam-me náuseas.
Quero o mundo como ele é, a vida como ela é.
Quero olhar para a face de Deus
como a águia olha para o Sol.

Ninguém é responsável por mim, ninguém me salva.
Deus emancipou-me na minha liberdade
e os temores do passado eu mesmo os sepultei.
Não é orgulho saber que sou livre
e posso conquistar o Cosmos.
Minha humildade consiste em reconhecer os meus limites.
Não nasci para ser escravo: a vida é liberdade.
Jogo no presente tudo o que possuo
e ganho o futuro

Descobri que não sou frágil e não morro: sou imortal.
Meu avô falhou, meu pai falhou, eu mesmo falhei
porque temíamos a vida. Mas agora amo a vida
e sei que viverei através dos milênios.
Meus limites se alargam na proporção em que avanço.
A Razão é a minha bússola, a Verdade o meu norte.
Construirei o meu mundo, o mundo do meu tempo,
e o tempo renovado renovará o mundo.

Fui velho na juventude, serei jovem na velhice.
Que importa se o corpo envelhece? Ninguém deterá os meus passos
e farei da morte um novo salto para as constelações.
Saltarei feliz sobre as galáxias do amanhã.

Não troquei o confessor pelo psicanalista,
nem a moral pela libertinagem.
Tenho uma estrela na fronte e sou a vestal do meu fogo sagrado.
Quem apagará a labareda das minhas certezas?
Quem guiará os meus passos além da minha consciência?
Aos que me odeiam, respondo com uma palavra: amor!
Aos que me acusam, respondo com a piedade.
Aos que tentam escravizar-me, ajudo-os a se libertarem.

Minha consciência é o Tribunal de Deus. Só Ele me julga.
Como posso pedir o perdão daqueles que erram mais do que eu?
Como posso dirigir-me a Deus através dos agentes comerciais
da sua misericórdia, que ninguém pode vender?

Estou diante do mundo e sei que o mundo é a minha oportunidade.
Deus não está no Céu nem o Diabo no Inferno.
Mas eu — homem — estou na Terra e a Terra é dos Homens.
Temos de transformar a Terra — nós, os homens — no Reino de Deus.
E onde estão as leis desse Reino, senão em nossa consciência?
Se Deus está em mim, como posso adorá-lo fora? E como posso negá-lo?
Como posso tremer ao lembrar-me de Deus, se Ele é a minha consciência?
Basta voltar-se para mim mesmo para ver a sua face.

Os anos de terror já passaram. A ignorância morreu.
A rosa da Verdade abriu-se em meu coração.
Não choro, não gemo, não me apavoro.
Confio.
A vida cresce em mim e nada pode extingui-la.
Não me interessam os mistérios ocultos, os poderese secretos.
Todo o poder me foi dado. E ninguém me pode arrebatá-lo.
Contarei os átomos e as estrelas,
os grãos de areia e as galáxias,
multiplicarei em minha mãos
as rosas da Verdade.

EDITORIAL

Os Divorciados

O problema do divórcio tem sido colocado, no Brasil, em termos de defesa da família. A Igreja Católica, com exceção de alguns clérigos esclarecidos, tornou-se o baluarte da luta contra o divórcio. Suas razões não são apenas sociais, mas também e principalmente teológicas. O matrimônio é um sacramento que não pode ser dissolvido pela lei civil. Essa, na verdade, é a razão mais forte, e praticamente a única, em que se funda a campanha antidivorcista da Igreja.

Não obstante, funciona em Roma o Tribunal da Sacra Romana Rota, que anula casamentos católicos no Brasil e no Mundo, reconhecendo a ineficácia do sacramento em casos específicos. No Brasil, como em toda parte onde a Igreja domina ou funciona, existem os agentes do referido tribunal vaticânico, incumbidos de preparar e encaminhar os papéis de anulação, mediante o pagamento de determinadas taxas.

Se a própria Igreja reconhece a possibilidade de não ser válido o sacramento do matrimônio, de maneira que pode ser declarado nulo pelo seu tribunal especial, é evidente que existe um ponto de confluência dos interesses civis e religiosos no tocante ao problema do divórcio. Em Portugal, até mesmo na fase do domínio salazarista, esse ponto serviu para um ajuste entre a Igreja e o Estado, para a instituição do divórcio no país. Porque não poderia haver uma conciliação no Brasil?

Defendendo a indissolubilidade do sacramento do matrimônio, a Igreja alega defender o instituto da família. Esta seria a sua razão de ordem social e moral. Mas contra essa razão militam os fatos, que demonstram estatisticamente o contrário. O número de desquites verificados nos tribunais brasileiros revela um panorama social e moral simplesmente alarmante. E como os desquitados não podem contrair novo matrimônio, a realidade evidente e palpável é a da dissolução da família brasileira com a proliferação inevitável das uniões ilegais (praticamente semi-legais) aumentando de ano para ano as gerações de filhos ilegais e instituindo no país um tipo de família para-legal que desacredita cada vez mais o instituto jurídico do casamento e o sacramento do matrimônio. Este, por sinal, desmoraliza-se a si mesmo através das anulações decretadas pela própria Igreja através do seu tribunal vaticânico.

As contradições espantosas dessa situação, agravadas com a marginalização matrimonial dos clérigos, obrigados a um celibato antinatural, colocam o nosso país numa situação estranha perante a legislação familiar de todo o mundo civilizado. O Brasil parece ignorar que a dissolução da família provém de um fato social — inevitável em todas as sociedades — que é a separação de casais. Nós, os botocudos, não percebemos que o mal social e moral é a separação, para o qual o divórcio é o único remédio possível.

A conclusão lógica é uma só: não queremos casais divorciados e demonstramos ao mundo que vivemos divorciados da realidade. Não vemos o abismo aos nossos pés e caminhamos aceleradamente para ele, rejeitando o socorro que nos é oferecido pela legislação da maioria absoluta dos países civilizados. Colocamo-nos, nesse capítulo do direito social, abaixo do salazarismo português. Pretendemos ser mais tradicionais do que a própria fonte das nossas tradições, que é a tradição lusa.

Os clérigos e os políticos antidivorcistas colocam-se na posição de expoentes da nossa esquizofrenia coletiva. São os divorciados da realidade social brasileira. Não permitem a instituição do divórcio no Brasil precisamente por se haverem divorciado do povo. Tomam a nuvem por Juno, pintando o divórcio como um novo lobisomem à solta em nossa estrutura legal, irremediavelmente minada pela proliferação dos casais ilegítimos e portanto das famílias ilegítimas.

Mais alguns anos nessa situação e teremos de inverter, pela força do número nos quadros estatísticos reais, o nosso conceito de legitimidade da família. Voltaremos ao regime indígena do direito natural. E o que mais torna ridícula essa situação é a evidência de que as próprias fontes escriturísticas da nossa sociedade, a Bíblia e os Evangelhos, são favoráveis ao divórcio.

A legislação de Moisés, como todos sabem, permitia o divórcio entre os hebreus. E Jesus, explicando a razão disso, lembrou os imperativos da imperfeição humana, a dureza dos corações, e por sua vez admitiu o divórcio em casos específicos, aqueles em que o adultério comprovava a impossibilidade da sustentação do vínculo conjugal. O problema dos filhos é causado pela separação natural e não pelo divórcio.

Psiquismo: INFESTAÇÃO

Você pode estar infestado sem o saber!

Mário B. Ferreira

VOCÊ pode estar infestado sem saber. A infestação é uma espécie de infecção psíquica. Da mesma maneira que o nosso organismo físico pode ser invadido por bactérias microbianas, que causam infecções perigosas, a nossa mente pode ser invadida por bactérias psíquicas ou mentais, que causam infestações ameaçadoras. Essa a conclusão a que chegaram especialistas estrangeiros e nacionais em doenças psíquicas, como os professores Karl Wikland, de Chicago, Jean Ehrewald, de Londres, Eisenbud e Merlok, de Nova York, Tischner, de Berlim, Lauro Neiva, do Rio, Inácio Ferreira, de Uberaba e outros muitos.

A infestação se processa telepaticamente. Pode provir da mente de outra pessoa ou de da mente de um espírito, daquilo que o Prof. Whately Carington, da Universidade de Cambridge (Inglaterra) denominou **estrutura psicônica**.

OS PSÍCONS

Carington chamou de **psícons** as unidades estruturais da mente, que seriam uma espécie de átomos psíquicos. Segundo suas pesquisas parapsicológicas, a estrutura psicônica (que é a mente) liberta-se da estrutura cerebral no processo da morte e continua viva no plano extrafísico (espiritual) podendo agir por afinidade sobre a mente das pessoas vivas. Essa invasão mental se propaga a todo o psiquismo. A telepatia não é apenas a transmissão do pensamento, como geralmente se pensa, mas de todo o **pathos** (situação mental e emocional) de uma pessoa para outra. As próprias sensações físicas e as percepções são transmitidas.

Os psícons, unidades ativas da mente, funcionam no caso como centros de vibração transmissora e receptora. A ligação de uma mente a outra se estabelece por sintonia, segundo as leis de afinidade. O indivíduo infestado aceita as idéias e as sensações provenientes do infestador e as alimenta em si mesmo, incorporando-as à sua estrutura mental e psíquica. Dessa maneira, o infestado não percebe que está sob a influência de outra mente. A infestação pode inclusive provocar doenças físicas numa pessoa sensível e submetida longo tempo à ação imperceptível do infestador.

DOENÇAS MENTAIS

A maioria das infestações provoca doenças mentais. Esse processo foi estudado e pesquisado por Kardec, mas só agora está sendo confirmado pelas pesquisas científicas não-espíritas. Os especialistas no assunto e os espíritas em geral admitem que a maioria absoluta das doenças mentais e psíquicas é produzida por infestações. Por isso os espíritas se interessam especialmente pela fundação de clínicas e hospitais psiquiátricos, no desejo de proporcionar a cura aos doentes considerados incuráveis pelas práticas puramente médicas. Só no Estado de São Paulo existem mais de trinta hospitais psiquiátricos espíritas, reunidos numa Federação que socorreu o Governo do Estado no caso de descentralização do Hospital Franco da Rocha ou do Juquerí.

Os infestados são submetidos a tratamentos médicos e espíritas nesses hospitais, com resultados muito favoráveis. O número de altas tem sido grandemente satisfatório. Além da ampliação dos hospitais já existentes, outras unidades hospitalares do gênero estão sendo construídas no Estado.

ATENÇÃO AOS SINTOMAS

A infestação se manifesta por sintomas progressivos de irritação sem motivo, de preocupações sem razão, de temores injustificáveis, aparecimento de tiques nervosos ou exageração dos que a pessoa já tinha. A obsessão por bebidas, questões sexuais, tóxicos, jogatina é também sintoma evidente, atingindo em geral posição dominante no quadro clínico. Todos os sintomas de distúrbios mentais pertencem também à sintomatologia da infestação. As manifestações de violência requerem urgente internação hospitalar do doente.

Nos casos de infestação pura os recursos médicos são impotentes, sendo indispensável o tratamento espiritual. Mas mesmo nesses casos não se dispensa o tratamento médico, pois o doente é sempre afetado em seu organismo físico.

O PROBLEMA DO MÉDICO

Um grave problema é o da posição do médico em face da doença. O médico materialista não aceita a tese da infestação e geralmente chega a considerar prejudicial qualquer tentativa de tratamento espiritual do paciente. A Medicina oficial ainda encara o homem como simples animal evoluído, recusando-se a admitir a presença de influências espirituais nesses casos. Hoje, felizmente, a Medicina Psicossomática e a Parapsicologia estão modificando essa situação. E a contribuição dos hospitais espíritas, com seus bons resultados para os casos incuráveis, age beneficemente na mentalidade médica.

Para o tratamento de casos suspeitos é conveniente evitar sempre o médico sistemático, de mentalidade fechada. Um facultativo de espírito mais aberto e tolerante, capaz de aceitar a possibilidade da infestação, facilitará com a sua atitude a solução do caso. Estamos numa época de grande abertura nas Ciências e não é difícil encontrar médicos compreensivos. O tratamento exclusivo em Centros e Grupos Espíritas, sem assistência médica, também não é aconselhável, pois a rigidez é tão negativa num extremo como no outro.

UM CASO CURIOSO

Vamos concluir estas informações com um exemplo curioso ocorrido em São Paulo. D. Maria, senhora de sessenta anos, começou a revelar sintomas de infestação e acabou em plena loucura. Rasgava as vestes, as roupas de cama, falava e gritava dia e noite. Foi internada em dois hospitais psiquiátricos de renome, em períodos sucessivos. Saiu de ambos com o diagnóstico de doente incurável. O marido viu-se obrigado a mantê-la fechada no quarto, sob vigilância dele ou dos familiares, pois ela não aceitava roupa alguma. Um vizinho falou-lhe da possibilidade de infestação e ele aceitou chamar um psicólogo espírita que logo identificou a doença e aconselhou o internamento da paciente no Hospital João Evangelista (espírita) sito na Avenida Nova Cantareira.

Surgiu um problema no internamento. O médico-chefe do referido hospital, diante das provas de exames dos hospitais em que a doente estivera internada (e era médico espírita) duvidou do diagnóstico do psicólogo. Felizmente, por insistência da família, resolveu aceitar o internamento, mas condicionando-o a apenas dois ou três meses. Submetida ao tratamento hospitalar e ao tratamento es-

O REBANHO

A palavra rebanho só era aplicada no meio espírita quando se referia à relação do Cristo com a Humanidade. Ele é o Pastor (um só pastor) e a Humanidade é o rebanho (um só rebanho). Nesse sentido a alegoria evangélica, provinda da era agrária, dos tempos pastoris, tem uma significação real. Mas a partir do chamado pacto-aureo a palavra rebanho passou a ter um sentido paroquial. Há pastores, vários pastores. E consequentemente vários rebanhos. Os espíritas sacrificaram o princípio fundamental da liberdade, que caracteriza a sua doutrina, às conveniências de uma organização tipicamente igrejeira.

Vejamos um exemplo recente. No caso clamoroso da adulteração de O Evangelho Segundo o Espiritismo, pela Federação Espírita do Estado de São Paulo (tradução de Paulo Alves Godoy) várias pessoas nos telefonaram hipotecando solidariedade. Mas quando lhes oferecíamos material de esclarecimento do assunto, para ser distribuído nos Centros, respondiam assustadas: "Isso só mais tarde, depois que a USE ordenar." Essas pessoas abdicavam da liberdade espírita, dos direitos sagrados da sua própria consciência, para se engajarem no rebanho paroquial.

Não há dúvida que há necessidade de ordem, de disciplina num movimento doutrinário. Mas a ordem e a disciplina verdadeiras não podem ser exógenas (vindas de fora) e sim endógenas, provindas da consciência de cada um. Os espíritas não são paroquianos de nenhuma seita religiosa. São pessoas livres que esposam conscientemente uma filosofia de vida, tendo por modelo o exemplo do próprio Cristo, segundo a doutrina.

A adulteração do Cristianismo começou no momento em que os cristãos negaram o exemplo de Jesus para imitar os judeus e os pagãos, transformando o Cristianismo numa seita formalista e dogmática.

Nenhum pacto pode ser lavrado no Espiritismo, pois cada espírita é um indivíduo responsável pelos seus atos e cada agrupamento espírita se funda na liberdade doutrinária.

O pacto é um compromisso que implica transigência, sujeição. Com o chamado pacto-aureo tivemos a sujeição da USE, do movimento livre de unificação fraterna às exigências formalistas da Federação Espírita Brasileira. Surgiu então o colégio cardinalício denominado Conselho Federativo. E acabou-se a liberdade espírita. Dali por diante o movimento espírita desfigurou-se. E de fracasso em fracasso vai se igrejificando. Cada UME (União Municipal Espírita) tornou-se uma paróquia e cada CRE (Conselho Regional Espírita) fez-se uma diocese. O rebanho alegórico do Cristo virou um rebanho histórico, de tipo igrejeiro.

espírita (este à distância) bem antes de vencer-se o prazo do internamento teve alta, deixando o hospital plenamente curada. Já se passaram mais de dez anos. D. Maria perdeu o marido e mora hoje na companhia de um filho, sem haver tido mais nenhum sintoma de perturbações mentais. As entidades infestadoras, que eram várias, não voltaram a perturbá-la.

Neuroses e psicoses, em geral, originam-se de infestações ou são aumentadas pela interferência de entidades infestadoras. O processo atual de conversão da Ciência para uma concepção espiritual do homem já está favorecendo a solução desses casos, de maneira cada vez mais auspiciosa.

O Diabo não é tão mau como aqueles que lhe vendem a alma. O mundo está cheio de almas diabólicas que pretendem lograr o Diabo, vendendo-lhe o que pensam não possuir. O Diabo se diverte com elas. O Dr. Fausto Fauniano é uma dessas almas desalmadas que fazem cada coisa! Só vendo o que ele faz no seu

CONSULTÓRIO DO DIABO

Jorge Catileno

Especial para MENSAGEM

O Dr. Fausto Fauniano é um psiquiatra de vanguarda. Vendeu a alma ao Diabo porque não acredita que a tenha. Detesta tudo quanto se refira ao Além. Como o Diabo lhe apareceu e propôs o negócio, ele o fez pensando em lograr o estúpido Mefistófeles. Pensou: "Se esse idiota acredita em almas, mas possui poderes misteriosos, que aprenda a não ser mais trouxa. Quando eu morrer, só encontrará o meu cadáver."

Para ele, que evoluiu muito da Idade Média até os nossos dias, Deus é um mito, o espírito uma invenção de lunáticos, a vida terrena a única que se deve levar em conta. Rasgou os tratados de moral que o pai lhe deixara na biblioteca da família, mandou a família às favas e jurou livrar a humana espécie de seus preconceitos, proporcionando-lhe a felicidade plena dos animais à solta no mato. Mas não quis ir para o mato por causa do desconforto. Ficou na cidade grande e abriu ali mesmo, na zona central de São Paulo, um consultório psiquiátrico moderníssimo, que entre ele e os amigos se chama "Consultório do Diabo".

De barbicha pontuda, olhos de raposa, orelhas salientes, lábios carnudos e mãos peludas, tem uma lábia diabólica.

Nunca leu Marcuse, mas diz-se marcussiano. Acha que a vida deve ser vivida sem embaraços de consciência. O homem é o dono do mundo e faz o que bem entender na face da Terra, sem dar satisfações a ninguém. Essa é a sua moral.

OS DOIS SUICÍDIOS

Nestes dias entrou no seu consultório um jovem de vinte anos. Sentia-se muito agitado e pensava em suicidar-se. Expôs ao médico o seu problema: embora nada tivesse de efeminado, sentia impulsos homossexuais e não se conformava com isso. Ou o Dr. o curava ou ele só via uma solução para a sua vida tão mal iniciada: suicidar-se. O Dr. Fausto coçou o cavanhaque pontudo, abanou as orelhas e disse sem reboços:

— Você é um andrógino e tem de aceitar-se como é. Nada de se revoltar contra a vida. Trate de viver de acordo com as suas tendências naturais.

— Não aceito isso, Dr., prefiro o suicídio!

— Bem, — disse o médico — você pode escolher duas espécies de suicídio. Uma é a que você está imaginando. Tomar um veneno ou pendurar-se pelo pescoço num galho de árvore, como o idiota do Judas. Esse é o suicídio vital. Mas, se você for inteligente, pode optar pelo suicídio social. Arranje um

amante e viva satisfeito. A sociedade o condenará, mas você viverá como você é e não como ela quer.

O rapaz saiu desnortado e praticou o suicídio vital. Quando soube disso, o Dr. Fausto sorriu e sentenciou: "Fez bem. Era um burro."

A MULHER NERVOSA

Uma senhora neurótica apareceu no consultório e expôs ao médico os seus muitos problemas com o marido e os filhos. O Dr. Fausto não teve dúvidas em receitar-lhe um bom remédio:

— A senhora tem vivido como verdadeira mártir. Seu marido não a satisfaz e a senhora teima em viver com ele como se fosse o único homem existente no mundo. Arranje um amante e a sua neurose desaparecerá. Não se iluda, pois não há outro remédio. Passe a frequentar a minha terapia de grupo. Ali mesmo a senhora encontrará o seu remédio. Tenho dois homens esplêndidos que sofrem do mesmo mal e precisam de uma boa amante. A senhora fará dois benefícios: curará a si mesma e curará um deles, ou até mesmo os dois, se achar conveniente. Essa é a verdadeira prática da caridade. Tire dessa bela cabeça o lixo da moral burguesa e viva a sua vida com alegria.

A senhora saiu assustada e não quis contar o caso ao marido. Pensava nas orelhas lombrosianas do Dr. Fausto e nas suas mãos peludas. Devia ser um assassino em potencial.

UMA ADOLESCENTE

A mocinha de 18 anos entrou no consultório acompanhada pela mãe. O Dr. Fausto deu um jeito de levá-la sozinha para o consultório. Deixou a mãe na sala de espera.

— Não posso dormir direito — disse a mocinha. — Tenho visões terríveis. Mal começo a dormir e ouço um estrondo. A porta do meu quarto, que deixo sempre aberta, parece escancarar-se com um pontapé e entra um homem enorme, de mãos peludas como a sua, que quer pegar-me pela garganta.

— Você é virgem? perguntou o médico, por via das dúvidas. A mocinha corou até a raiz dos cabelos e seus olhos se umideceram. Parecia prestes a chorar.

— Não chore, minha filha — aconselhou o médico, alisando-lhe os cabelos. — Você encontrará facilmente quem a queira. Largue dessa bobagem de virgindade. É isso que está atrapalhando você. Um pouco de coragem e sua vida se regularizará.

A mocinha saiu chorando, mas não contou nada à mãe.

FATOS VERDADEIROS

Estes fatos não são inventados, são reais. Passaram-se no consultório do Dr. Fausto e todos os dias se repetem naquele e em outros consultórios do Diabo que infestam a cidade de São Paulo e outras grandes cidades do Brasil e do mundo. Só as pequenas cidades estão livres disso, porque são redutos da decência e o Dr. Fausto ou seus milhares de asseclas não poderiam viver e agir nelas impunemente.

Essa a situação a que chegou a psiquiatria moderna. Impotentes para curar os desequilibrados psíquicos, atribuindo tudo unicamente ao sexo, querendo mostrar-se avançados, numerosos psiquiatras e psicanalistas apelaram para a ignorância e montaram elegantes consultórios do Diabo. É preciso que se conte a história como estamos contando, para alertar as vítimas inocentes, muitas delas acessíveis a essa filosofia insensata, que as envolve num torvelinho de males muito piores do que os distúrbios que os levaram ao médico.

Será preciso dizer que está faltando aos Drs. Fausto uma gota de bom senso e de respeito pela criatura humana? Colocar o homem no nível do animal é negar-lhe a condição humana. Não negamos a existência e a importância dos problemas sexuais, nem mesmo os perigos do puritanismo tipo vitoriano, que é um fomentador de hipocrisias e gerador de injustiças inomináveis. Mas passar de um extremo a outro não é dar solução alguma aos problemas da atualidade, é simplesmente inverter as situações perigosas, substituindo uma fonte de males por outra fonte ainda mais desastrosa.

A criatura humana não tem apenas sexo e aspirações sexuais. Tem consciência do seu destino transcendente e de suas responsabilidades morais. Se existe a moral social, determinada pelos costumes e pelos preconceitos do meio, existe também a moral individual, que se fundamenta nas exigências da consciência e no sentimento da dignidade humana. Os próprios Doutores Fausto, aliados de Mefistófeles, serão vítimas de sua terapêutica criminosa. Amanhã, quando menos esperarem, terão de enfrentar sua própria consciência. Que sabem da *Psique* esses doutores que se propõem a curar os males da alma mandando seus clientes entregá-la ao Diabo? Uma nova era está surgindo, mas eles não querem avançar com ela e regredem aos tempos medievais dos libertinos, à depravação de Roma decadente.

QUEM é Chico Xavier? Um líder-espírita, como o povo o considera? Um sábio por dentro e santo por fora (como Ramakrishna na Índia) segundo a opinião de alguns curiosos espíritas? Um simples trapaceiro, como querem os adversários do Espiritismo? Um sensitivo imaginoso, que se ilude a si mesmo, conforme à tese de certos parapsicólogos incipientes? Um literato frustrado que se evade pela psicografia? (Esta é a opinião de alguns psicanalistas que escapam do problema pela tangente da escrita-automática de Pierre Janet). Ou seria Kardec reencarnado para superar a si mesmo, segundo o palpite das criaturas mais ingênuas do movimento espírita brasileiro?

Todas essas interpretações — e outras mais — transformam Chico Xavier numa espécie de esfinge misteriosamente plantada na aridez do nosso deserto de homens e idéias.

No caso recente de adulteração de uma obra de Kardec, ocorrida em São Paulo, Chico Xavier tornou-se o pivô de uma celeuma nacional. Os adulteradores e os contra-adulteradores apoiavam-se nele. Aqueles diziam que a sugestão viera do Chico e de Emmanuel, seu guia-espírita. Os anti-adulteradores firmavam-se na vasta obra psicográfica do médium, demonstrando que Chico e Emmanuel caíam em contradição insanável se houvessem sugerido e se apoiassem a adulteração. E a esfinge não se mexeu. Continuou impassível. Nem Emmanuel se manifestou por ela. O movimento espírita brasileiro cindiu-se em duas partes. De um lado ficaram os que colocam Emmanuel acima do Espírito da Verdade e Chico acima de Kardec. Do outro lado os que repelem, com toda a energia necessária, a atrevida e descabida deturpação dos textos fundamentais da Doutrina Espírita.

Por que motivo Chico não se pronunciou? Por que razão os Espíritos que o assistem não se definiram? Como justificar-se o alheamento total do médium e de seus benfeitores espirituais, como ele os chama, à perigosa efervescência que o caso da adulteração provocou e tinha forçosamente de provocar? Parece-nos que todas essas questões se esclarecem quando encaramos o Caso Chico Xavier em suas justas perspectivas, nas suas três dimensões: a existencial (o homem no mundo), a ontológica: o ser espiritual e sua vida paranormal; a mitológica: o médium convertido em mito, oráculo ou pitonisa a serviço dos deuses olímpicos. Os gregos iam a Delfos consultar o deus Apolo. Os espíritas brasileiros vão a Uberaba consultar Emmanuel.

O HOMEM

Francisco Cândido Xavier nasceu em Pedro Leopoldo, Minas Gerais, a 2 de abril de 1910. Conta hoje 65 anos de idade. Viveu em sua terra até fins de 1958. Em janeiro de 59 mudou-se para Uberaba, onde reside até hoje. Teve apenas instrução primária. Cresceu e amadureceu, durante 48 anos, entregue a serviços humildes, numa cidadezinha desprovida de ambiente cultural. Toda a sua formação social e cultural é portanto a de um homem do interior mineiro, de família extremamente pobre: mãe lavadeira e pai trabalhador braçal, que faleceu como vendedor de bilhetes de loteria na rua. Viajou mais tarde (nos anos 60) acompanhado pelo médico Dr. Waldo Vieira, para os Estados Unidos e a Europa, guiado e amparado pelo médico, pois não dispunha de desembaraço e conhecimentos para tais viagens.

Bastam esses dados para caracterizar o homem Chico Xavier, cujo nome de registro civil é Francisco de Paula Cândido. Uma criatura simples, mas inteligente e sensível, dotada de mediunidade excepcional. A publicação de seu primeiro livro psicografado: Parnaso de Além Túmulo, em 1932, o lançou na berlinda. Chico Xavier teve de enfrentar, daí por diante, o interesse, a curiosidade e a



CHICO XAVIER: o homem, o

João Carlos Gonçalves

maldade do mundo. Ajudado por amigos e pelos espíritos que o assistiam, escudado na sua própria humildade, resistiu a todos os embates. A realidade flagrante de sua existência modesta, pobre, despreziosa, respondia por si mesma a todas as calúnias assacadas contra ele. Nos anos 70 foi lançado em grande estilo pela televisão e a imprensa como um líder espiritual do Brasil. Deixou o seu estilo pobre de vida, passou a usar peruca para encobrir a calva e a vestir-se com extrema elegância. Os amigos o forçavam a isso para a sua apresentação pública. Vive de uma reduzida aposentadoria de escriturário. Nunca percebeu um centavo de direitos autorais de seus cento e tantos livros publicados e sempre reeditados. Todos os direitos são doados por ele, através de documentos legais, a instituições espíritas assistenciais. Não cede os direitos a editoras comerciais.

Tudo isso nos revela o homem de fé, de convicção, mas que não se entrega ao fanatismo, procurando ajustar-se à realidade social e atender às suas exigências. Sua nova figura, de peruca e ternos modernos, provocou muitas críticas. Explicou-se alegando o respeito que deve ao grande público. Antes, vivia isolado.

Estamos diante de um homem simples e humilde, que não apresenta condições para a liderança. Mas o povo, e até mesmo os espíritas, que deviam compreender isso, o colocam na posição de líder, de um oráculo infalível. Pedem-lhe orientação para tudo. Consideram suas opiniões como decretos divinos. Isso o coloca numa posição difícil, de que ele se evade pelo silêncio. Não pode e não quer entrar nas celeumas doutrinárias. Considera-se apenas um instrumento dos espíritos. E estes, por sua vez, procuram poupá-lo de situações embaraçosas. A mediunidade tem também as suas exigências.

Chico Xavier é ainda — e o será até o

fim da vida — o caipirinha mineiro de Pedro Leopoldo. Não é sábio nem santo. É um homem comum, dotado de faculdades mediúnicas excepcionais. Sofre das limitações naturais da sua formação social e cultural bastante precárias. Tem bom senso, é fiel a Kardec, mas às vezes se deixa levar pelo coração e cria problemas que o aturdem. Porque seus guias não o ajudam nisso? Porque Chico, o homem, tem a sua experiência a fazer e deve aprender por si mesmo, como todos nós. Se os espíritas entendessem isso poderiam poupar-lhe muitas atribulações.

O MÉDIUM

A sensibilidade mediúcnica de Chico Xavier estaria arriscada a grandes perigos, não fosse o seu bom senso e a ajuda que os seus guias espirituais lhe dão, na medida do possível. Um médium é um campo aberto a todas as influências: dos espíritos e dos homens. No caso de Chico, o maior perigo provém das influências humanas, das quais o resguarda a sua humildade. Pelo assédio que lhe fazem os homens, ele já poderia ter-se proclamado, como tantos o desejam, como Papa do Espiritismo. São muitos os que procuram explorar-lhe a mediunidade, por todas as formas possíveis. Só ele sabe o que enfrenta. Só ele!

Nosso movimento espírita — como o revelou o teste recente da adulteração — é de uma indigência cultural assombrosa. Chico — o caipirinha mineiro — ainda se impressiona com títulos culturais, posições sociais e palavreado insinuante de pretensos figurões que o procuram. E estes se servem disso para o envolver nas suas tramas. Enquanto ele pensa na doutrina, no cumprimento de sua missão mediúcnica, no serviço espiritual que pode prestar às massas sofredoras, os figurões pensam na maneira de aproveitar o seu prestígio popular em benefício de intenções e iniciativas sempre tão desinteressadas quanto parecem. Até mesmo no campo político.

Pensando agradar a Chico Xavier, muitos dos chamados líderes espíritas chegam a menosprezar a Codificação, a substituir Kardec por Emmanuel e André Luiz, a adotar expressões típicas e nem sempre acertadas de Emmanuel ou do próprio Chico em seus escritos, aplicando-as até mesmo a uma suposta atualização de obras doutrinárias. Porque Chico falou ou escreveu assim ou assado, entendem que podem alterar textos alheios com a desfaçatez de pintores de parede a atualizar obras de Da Vinci. Não conhecem o princí-

pio de respeito ao trabalho dos outros. Seriam capazes, interpretando à sua maneira uma referência inocente de Chico à Capela Sistina, de pedir a substituição dos quadros de Michel Angelo por pinturas modernas. Mas amanhã, se Chico desencarnar, serão os primeiros a esquece-lo e procurar encostar-se em algum novo médium, como fizeram com Arigó.

Formou-se, à revelia de Chico, o cordão dos chiquistas. É uma corrente de criaturas que desejam alcançar o céu entrando, como o sapo da lenda, no violão do corvo. Tomam por realidades espirituais inegáveis as alegorias e as analogias das obras de André Luiz, esquecidos do exemplo citado pelo próprio Emmanuel, num de seus prefácios para essas obras, do maçaco que voltasse da cidade para o mato e quisesse explicar aos companheiros como vivem os homens: em florestas de cimento, com pêlos postiços que os homens podem vestir e desvestir e assim por diante.

Médium e o mito

A responsabilidade do médium é ressaltada pela sua atitude humilde, mas às vezes o próprio médium, assediado pelo fanatismo dos chiquistas e não querendo contrariá-los, chega a tentar a justificação de certos enganos, como o fez na televisão sobre o caso de Marte, considerando-o mundo superior de antimatéria, contra a posição doutrinária de Kardec, para quem Marte seria mundo em formação.

O Espiritismo não se baseia em revelações audaciosas dos espíritos comunicantes. Baseia-se num método de observação e pesquisa, o método de Kardec, sem o qual não se pode introduzir na doutrina nenhuma novidade. O médium não é nunca um instrumento de segurança. O médium é criatura humana falível, sujeita a falhas ou influenciação anímica na transmissão de mensagens. Chico sabe disso e não se considera infalível. Mas os chiquistas não sabem nada e querem conferir a Chico uma infalibilidade superior à que os católicos deram ao Papa, e que, apesar de restrita, já não pode mais sustentar-se em nosso tempo.

O MITO

Chico Xavier foi transformado em mito. A maioria absoluta dos espíritas não vê nele o homem nem o médium: vê apenas o mito. Essa transformação decorre de um processo natural, já bastante estudado. A mitologia é uma forma de racionalização do mundo. Mas, na proporção em que o razão humana se desenvolve, os mitos são substituídos por conceitos exatos. Então a mitologia foge para as furnas do inconsciente. A interpretação racional do mundo esclarece o homem e lhe dá segurança no manejo da vida. Mas a vida tem o seu limite, que é imprevisível e a que ninguém escapa. Abaixo desse limite fatal a mitologia se abriga e se entrincheira na forma dos complexos de Freud e dos arquétipos de Jung. Kardec mostrou que o refúgio do mito é guardado e mantido pelas falanges de espíritos mistificadores, esses guardiães da ilusão e da mentira.

Jesus combateu o mito e foi transformado em mito pelas igrejas cristãs. O Apóstolo Paulo, que lutava contra o mito, foi também mitificado. Os Evangelhos de Jesus sofreram infiltrações mitológicas. Os grandes profetas do passado e os grandes médiuns do presente foram transformados em mito. Chico Xavier não seria uma exceção: foi também mitificado. Quem vai a Uberaba para vê-lo não busca

o homem, mas o mito. Vai ouvir o oráculo. E por mais que Chico insista na sua condição humana, os adorados do mito não se importam com isso. Não crêem na modéstia do homem, acham que ele finge para esconder a sua condição divina. Cada palavra, cada frase, cada gesto de Chico é um enigma da es-finge e tem de ser decifrado.

Mas nem por isso Chico se torna todo poderoso. Pelo contrário, vê-se escravizado pelo mito. Porque o mito devorou o homem e este não tem mais vontade. O mito é um complexo e ao mesmo tempo um arquétipo, é modelo para ser seguido. O mito-arquétipo criou naturalmente as regras que devem ser seguidas. Se o homem Chico Xavier rompe uma dessas regras, os chiquistas acham isso absurdo e não aceitam. Não rompem com o mito, mas procuram justificar a sua atitude. O mito esmaga Chico e o submete a situações muito difíceis e melindrosas.

A adulteração é um exemplo disso. Chico começou a usar expressões como menos feliz, menos bom, inspirado ou não por Emmanuel, pouco importa. Mas Chico não tinha a intenção de adulterar Kardec. Pelo contrário, ele seguia o princípio kardeciano da bondade inata do espírito, da felicidade possível para cada qual, procurando lembrar que o pior dos homens tem um fundo de bondade e que o mais infeliz tem a sua cota de felicidade na sua própria infelicidade. Tudo isso está na doutrina. Mas os adoradores do mito já entenderam que deviam corrigir Kardec e corrigir as próprias expressões de Jesus nos Evangelhos, pois o mito (que no caso é messiânico, revelador) estava fazendo novas revelações. Jesus, o Espírito da Verdade, Kardec estavam sendo superados. Os mitólatras sentiram-se autorizados a adulterar a Codificação. E quem se atrever a contrariá-los incorre na vingança do mito, passa à condição de obsedado.

As regras severas da Codificação, a sua lógica indestrutível, o método kardeciano nada valem ante o poder superior do mito. O homem Chico Xavier, queira ou não queira, é transformado em patrono da adulteração. Toda a sua obra de mais de quarenta anos se opõe a isso. Mas os mitólatras (adoradores do mito) não tomam conhecimento da contradição. Chico se calou, se alheiou ao problema, pois a menor palavra que dissesse poderia aumentar a confusão. Eles se julgam aprovados pelo mito.

Essa a tragédia de todos os tempos no campo religioso, que é o campo do sentimento, da emoção, da afetividade, onde a razão não voga. Mas o Espiritismo só admite a fé racional.

Justamente por isso o Espiritismo não surgiu como religião, mas como ciência de investigação. A religião é consequência, como Kardec ensinou. Uma consequência que se torna mais importante que as suas causas, mas com a condição de estar sempre ligada a elas. Sem o controle científico das manifestações mediúnicas e a orientação filosófica do desenvolvimento doutrinário voltamos ao marco zero das revelações autoritárias, do religiosismo dogmático, do fanatismo que se firma no princípio do creia, mesmo que absurdo. Se pelo menos os dirigentes, os líderes, os que pretendem conhecer melhor a doutrina, não aprenderem a encarar Chico Xavier em seus três aspectos: o homem humilde, o médium abnegado e excepcional, mas falível como todos os médiuns, e o mito popular (que ele mesmo carrega como prova neste mundo de provas) jamais teremos Espiritismo no Brasil. Porque Espiritismo não é fanatismo igrejeiro e mitológico, é investigação científica, reflexão filosófica, racionalização do sentimento religioso — e bom senso. Por isso, Chico acabou se pronunciando contra a adulteração.



mensagem

Órgão do Grupo Espírita
Cairbar Schutel

de Vila Clementino

Rua Dr. Bacelar n.º 505 — 04026 — São Paulo
Ano I — Julho de 1975 Número 2

Diretor: J. Herculano Pires
Secretário: Carlos Corrêa de Oliveira
Redação: Departamento de Doutrina

Composto e impresso por:
JORNAL PAULISTA LTDA.
Rua Oscar Cintra Gordinho n.º 56
São Paulo

DO CONDICIONAMENTO À LIBERDADE:

FRACASSO DAS FÁBRICAS DE SANTOS

Olimpio Menezes

Ao considerar a criatura humana à luz da concepção espírita do mundo e do conceito espírita do homem, compreendemos a ineficácia das técnicas psicoterápicas atuais e dos processos místico-religiosos de reajustamento espiritual. O homem não é um robô, uma espécie de máquina com engrenagens a reajustar num determinado esquema-padrão. O homem é um ser livre, que possui a jurisdição de si mesmo e deve exercê-la segundo os seus impulsos biopsíquicos de expansão e crescimento.

Todos os condicionamentos a que o homem foi sujeito no passado e a que for sujeito no presente são contrários à sua natureza e ao seu destino. Esse é o ponto central da revelação cristã, incompreendido e deformado pelas seitas religiosas do passado (ainda hoje demasiado atuantes) e pela maioria absoluta das escolas psicoterápicas atuais. A própria estrutura social em que vivemos é opressiva, condicionadora, feita de exigências coercitivas e asfixiantes que tendem à reduzir a criatura humana a padrões de vivência interior e comportamento exterior.

Esse processo de pressão externa foi naturalmente necessário em longas fases primárias da evolução humana, mas tornou-se negativo na proporção em que o homem atingiu a área da sua própria jurisdição, a capacidade e a necessidade de exercer o seu livre-arbítrio dentro e fora de si mesmo. Cumpriu-se a lei dialética segundo a qual o que ontem era útil hoje se torna inútil e prejudicial. A lei de inércia (de conservação no repouso ou no movimento) responde pela permanência de conceitos e procedimentos antiquados em nossa mentalidade atual, em detrimento de nossas possibilidades novas de orientação social, moral e espiritual.

O CONDICIONAMENTO

O romanos estavam condicionados a um tipo de vida imperial que hoje designaríamos como imperialista. Os gregos, presos ao mesmo modelo, como vemos no exemplo de Esparta, conseguiram rompê-lo em Atenas com sua filosofia de vida e sua democracia política. O condicionamento judeu era tão forte que persiste ainda hoje. Mas Jesus opôs-se a todos esses condicionamentos, pregando e exemplificando com sua própria vida a libertação do homem. Não obstante, as três formas de condicionamento mencionadas reagiram sobre o movimento cristão e o transformaram lentamente em nova forja de criatura padronizadas e asfixiadas.

No campo da Educação — básico para o desenvolvimento humano — a própria Educação Cristã foi tragada pelas tendências opressoras do passado. Somente no século XVIII o gênio de Rousseau conseguiu traçar diretrizes renovadoras à Educação, clamando pelo retorno do homem à sua verdadeira natureza, a natureza humana, o que até hoje não se conseguiu fazer, apesar do reconhecimento geral da importância da tese rousseauiana. Voltaire não compreendeu Rousseau e disse que ele desejava fazer o homem voltar a andar de quatro. Continuamos de quatro apesar de Rousseau.

Toda a Educação atual prossegue, na prática, sendo um processo de coerção e deformação do homem. O resultado desse processo, que é o mesmo das religiões e das ideologias políticas, no mundo inteiro, é o estado de tensão e conflito em que vivemos, com as manifestações universais de angústia, desespero e desajustamento das criaturas. O condicionamento leva o homem à asfixia e à revolta.

A LIBERDADE

A jurisdição do homem sobre si mesmo exige a liberdade. E só a liberdade o leva à responsabilidade. Quem não é livre não é responsável por si mesmo. O aprendizado evangélico em forma de preceitos e de normas rígidas, a teoria da reforma íntima em moldes de carpintaria espiritual, com andaimes e estacas invisíveis, ou os cursilhos com seus anzóis e redes de pescaria, ou ainda as práticas terapêuticas de saca-rolhas, estourando as garrafas de champanha do inconsciente em festins de felicidade sensorial — nada mais são do que enganosas tentativas de encontrar a liberdade humana em novas formas de coação.

Para reintegrar o homem em si mesmo só precisamos de uma coisa: devolver-lhe o direito à liberdade humana. Temos de educá-lo em liberdade e deixá-lo viver em liberdade, rígido pelos vetores naturais da sua

própria consciência. Mas isso não é tão simples quanto parece, como vemos pela dificuldade de se entenderem, até hoje, os ensinamentos cristãos.

O QUE É LIBERDADE

Geralmente se pensa que a liberdade consiste em fazer-se o que se deseja. Isso é confundir liberdade com vontade. Já dizia o Apóstolo Paulo: "Miserável homem sou, que não faço o bem que quero, mas o mal que não quero". Esse é um exemplo clássico do conflito entre condicionamento e liberdade. Paulo queria fazer o que a sua consciência cristã lhe indicava, mas os rígidos condicionamentos judaicos o levavam a fazer muitas vezes o contrário. Sua vontade estava condicionada e agia contra a sua liberdade. A vontade o impedia de ser livre.

Liberdade é espontaneidade espiritual, é a própria essência do espírito. Kardec distingue no homem duas espécies de instintos: os animais e os espirituais. Os instintos espirituais estão em nossa consciência e decorrem das decisões que tomamos livremente no plano espiritual, antes da encarnação. Os instintos animais estão em nossa afetividade, no plano emocional e decorrem de nossas experiências evolutivas no uso e abuso do corpo em vidas sucessivas. Freud também descobriu, muitos anos mais tarde, esses dois tipos de instintos: os da libido e os de sublimação. Mas a nossa psicoterapia apagou-se aos instintos da libido e pretende arrancá-los a botião ou submeter-nos totalmente a eles. Falta-lhe a visão espiritual do homem.

Há também os que encaram a liberdade em termos absolutos, como se por acaso vivéssemos no Absoluto. Dessa incompreensão do problema da liberdade resultam dois equívocos: o da técnica terapêutica que leva à aceitação conformista dos desvios afetivos, afundando os pervertidos na perversão (que é o crime psicológico do século) e o da técnica de supressão, que pretende matar os impulsos instintivos ao invés de orientá-los para o devido reajustamento às exigências morais do espírito.



Peneira de Livros

Já em 15.^a edição, a LAKE está distribuindo este livro de Edgard Armond, com os mesmos erros e desvios doutrinários da primeira edição. Para começar logo na página 12 encontramos uma nota de pé de página (repetida em todas as edições) em que o autor afirma que Kardec não tratou, na Codificação, dos fenômenos de voz direta. Basta consultar-se O Livro dos Mediuns para ver-se que o fenômeno está ali classificado como Psicofonia e explicado por Kardec em seus dois aspectos, o subjetivo e o objetivo. Esse erro do autor foi corrigido logo na primeira edição, mas até agora não foi corrigido.

Edgard Armond é um reformista. Como todos os reformistas, parte da suposição de que a Codificação está superada e precisa de acréscimos, julgando-se autorizado por seus mentores espirituais a realizar essa complementação. É o velho engano dos sensitivos eidentes que se empolgam com suas faculdades e se esquecem dos critérios metodológicos de Kardec.

Por essa mesma razão o autor se opõe à ortodoxia espírita, pretendendo fazer da doutrina um saco de gatos em que as formas mais antiquadas de espiritualismo aparecem como contribuições novas. A batalha sem tréguas de Leon Denis, nos congressos internacionais, foi precisamente contra essa mentalidade empírica que ameaçava a pureza do Espiritismo na Europa.

No capítulo sobre mediunidade dos animais o Sr. Armond se atira de corpo inteiro num mar de absurdos. Admite a incorporação de espíritos humanos em animais, citando casos lendários da Índia e da África como fatos reais. Justifica a existência dos homens-tigres da Índia e dos lobisomens africanos e brasileiros. Mistura folclore e ciência no mesmo mingau. Explica o corpo etéreo como simples duplicata material formada "pelas emanções dos ectoplasmas", o que é simplesmente de preparar os cabelos de um frade de pedra. E vai por aí fora, apontando enganos de Kardec que ele corrige com sua auto-suficiência onipotente.

É incrível que uma livraria espírita como a LAKE (Livraria Allan Kardec Editora) não tenha até agora firmado uma linha de critério editorial rigorosamente espírita, pelo menos em honra ao nome do Codificador, de que se serve através dos anos. A publicação de livros como esse (e já se vão nada menos de quinze edições) revela falta de orientação doutrinária da editora e compromete o movimento espírita. Livros como este não podem ser lançados por editoras espíritas.

A LAKE hoje apoiada e sustentada pelo Grupo Espírita Caminheiros do Bem, já dispõe de condições para evitar lançamentos desta espécie, por mais fascinantes que se apresentem no tocante à vendagem. "Mediunidade", de Edgard Armond, é um livro antiespírita a semear confusões nos espíritos ingênuos. Mencionamos apenas alguns dos seus muitos absurdos.

Este é também um crime, embora justificado pela ignorância. Somos seres relativos e vivemos num plano de relações. Nossa liberdade é também relativa, condicionada pelo nosso estágio evolutivo. Relativamente, "tudo me é lícito", segundo outra expressão de Paulo, "mas nem tudo me convém". A jurisdição do homem sobre si mesmo determina a escolha a ser feita pela sua consciência. Assim, o esclarecimento da consciência, sem ameaças nem coações, é o caminho único da libertação humana.

AS FÁBRICAS DE SANTOS

A santificação é o nosso objetivo, segundo ensina o Cristianismo. O Espiritismo coloca esse problema em termos evolutivos, mostrando que acima da humanidade existe a angelitude. Evoluímos para esse plano através das vidas sucessivas. Somos todos candidatos a anjos. Mas devemos lembrar que nenhum artifício humano pode transformar-nos em anjos. O mito de Adão e Eva devia servir-nos de advertência. Como escreveu Thomaz Tailor, místico do século XVII: "O homem não deve apressar-se em comer os frutos do Paraíso antes de tempo".

Nossas religiões, a que os espíritas se atrelam com seus processos artificiais de evangelização, constituíram-se em fábricas de santos. Mas os santos artificiais não são de carne e osso, são de matéria plástica. Basta pisarmos no calo de um santo fabricado pelas igrejas ou armado pelas escolinhas de evangelização espírita, ou ainda pelas escolas secretas de discípulos ocultistas, com seus graus ascendentes e estimuladores da vaidade humana, para vermos caírem no chão as armaduras da santidade fictícia. O condicionamento artificial se esmigalha num minuto e a face do homem aparece por trás da frágil máscara do santo.

A natureza humana é regida por leis que não cedem às forjas ilusórias do convencionalismo. Por isso o Espiritismo não proíbe nada a ninguém. Ele não pretende moldar-nos pela moral de conveniências, mas quer levar-nos livremente à moral essencial que está em nossa própria consciência. Enquanto os espíritas não aprenderem isso, continuaremos tratando da reforma íntima e caindo na vaidade das adulterações.

A palavra de Deus e Pedro Malasartes

A Bíblia e os Evangelhos — dois livros diversos e até mesmo opostos — são publicados em conjunto e considerados pelas Igrejas como a **palavra de Deus**. Entretanto não os consideramos assim. Tanto os livros bíblicos quanto os evangélicos foram escritos pelos homens e não por Deus. Mas nem por isso deixamos de respeitá-los. A posição dos investigadores livres é bem clara e definida: as escrituras sagradas do Judaísmo e do Cristianismo encerram profundas verdades em forma alegórica. Mesmo nos livros não-inspirados, nos livros históricos ou simplesmente literários da Bíblia, encontramos alegorias fecundas, que devem ser interpretadas à luz da razão. À luz do raciocínio histórico esses livros se tornam transparentes e merecem o nosso respeito.

AS ADULTERAÇÕES

Mas o espírito humano é contraditório. E a sua contradição chega a ser assustadora, quando estudamos o capítulo das adulterações na História do Cristianismo. Elas se processam através dos séculos, sem cessar. Agora mesmo temos vários exemplos de adaptação dos textos bíblicos à linguagem atual, uma forma disfarçada de adulteração que só pode enganar os que não estudam o problema. As Igrejas têm se aproveitado dessa oportunidade para adaptar a Bíblia e os Evangelhos à luta contra as suas rivais. Torna-se mais fácil, por exemplo, aplicando-se a palavra **médium** para a pitonisa de Endor, substituindo-se expressões antigas por outras atuais, como **mágico** por **feiticeiro**, **práticas mágicas** por **práticas espíritas**, aplicar ao Espiritismo as condenações bíblicas daquilo mesmo que o Espiritismo condena, como as do Deuteronomio.

Muitos espíritas não compreendem isso e se rejubilam com a inclusão de termos espíritas ou espiritóides na Bíblia. E alguns ficam tentados a imitar os adulteradores sistemáticos das escrituras sagradas. Chega-se mesmo a este sofisma incrível: "A Bíblia e os Evangelhos em linguagem atual são vendidos com muito mais facilidade, saem às carradas. Se fizermos o mesmo com os livros de Kardec, podemos bater recordes de venda e apurar bom dinheiro para as nossas obras." Vejamos as contradições desse estranho quadro.

AS CONTRADIÇÕES

1.º — Considerando a Bíblia como a palavra de

Deus, as Igrejas não podem desrespeitá-la, pois os homens não podem corrigir Deus.

2.º — Os espíritas, que tanto conhecem as consequências das adulterações bíblicas, não podem aprovar essa prática criminosa. Sabem muito bem que as adulterações têm por finalidade adaptar a **palavra de Deus** aos dogmas das Igrejas. O Espiritismo não necessita dessa adaptação e é naturalmente contrário a ela, pois os textos adulterados fogem ao verdadeiro sentido.

3.º — O espírita não pode considerar os textos de Kardec como antigos, pois a verdade é que são modernos, tendo pouco mais de cem anos. São textos clássicos, desprovidos de linguagem alegórica, escritos por um homem que manejava perfeitamente o francês moderno e empregou métodos didáticos na codificação da Doutrina Espírita. Querer comparar as escrituras judaicas e cristãs com os livros espíritas, é cometer um erro crasso.

4.º — Desfigurar a obra de Kardec para fins utilitários, mesmo que não sejam de interesse pessoal, é colocar o interesse material acima do interesse espiritual, dando a impressão de que o Espiritismo não se orienta pelo exemplo moral de Jesus mas pelo erro fatal de Judas. As trinta moedas da traição tilintam de novo aos pés dos rabinos do Templo, por mais ingênua que possa ser a intenção dos adulteradores.

5.º — Os espíritas que aceitam esse jogo revelam falta de conhecimento doutrinário, falta de respeito e de amor pela doutrina que professam, falta de respeito pelo trabalho de Kardec, pela assistência do Espírito da Verdade e pela promessa de Jesus sobre a vinda do Consolador.

Por isso a publicação do primeiro livro adulterado de Kardec dividiu o meio doutrinário em duas partes. De um lado ficaram os que não compreendem ou não quiseram compreender a gravidade do problema. De outro lado os que não podem calar o seu protesto para não se acumplicarem com a adulteração. O princípio espírita da tolerância tem limites. Não podemos tolerar o aviltamento da doutrina.

ONDE ENTRA O MALASARTES

Pedro Malasartes é um símbolo da leviandade hu-

mana. Deus escreve e o leviano Pedro descreve, atreve-se a corrigir o próprio Deus. No Espiritismo o leviano Pedro mete a sua colher de pau nas obras de Kardec. Daqui a alguns anos, se a coisa pegasse, ninguém mais saberia o que Kardec escreveu. A Codificação de Kardec desapareceria sob o montão de tolices e contradições da Codificação de Pedro Malasartes. Como se vê, a hora é de definições. Ou ficamos com Kardec ou ficamos com o Malasartes. Não há nenhuma saída honrosa para os dúbios, para os vacilantes. Neste caso o ditado popular de que em boca calada não entra mosca perde o seu sentido. Porque boca calada, de espíritas militantes, de instituições doutrinárias, de Centros e Grupos Espíritas, por mais que façam materialmente no campo doutrinário, significa boca de siri, boca fechada por conveniência ou por medo.

MEDO DE QUE?

No Espiritismo não há condenações, não existem anátemas. Cada qual responde por si mesmo. Mas há conveniências materiais que, embora justificadas por interesses institucionais, levam pessoas e grupos ao erro de colocarem interesses imediatos acima dos interesses morais e espirituais da conduta espírita e mesmo da doutrina.

É claro que aqui, no plano terreno, tudo pode ser justificado. Mas os espíritas sabem ou devem saber que a vida neste plano é limitada. E que o Espiritismo está aqui para nos ensinar a colocar os problemas morais espirituais acima das questões materiais.

Malasartes aplicou bem o seu golpe. Nunca se viu tanta boca de siri no meio espírita, como agora. Um silêncio de morte pesa sobre o movimento que surgiu no mundo para lhe dar a verdadeira vida. Tem-se a impressão de que velhos cardeais inquisidores se aposaram do movimento espírita. Todos temem a condenação do Tribunal do Santo Ofício. Nunca se viu de tão perto, de maneira tão concreta, tão palpável, como o Espiritismo pode se transformar numa Igreja dominada pelos interesses mundanos.

As trevas se regosijam. Não precisaram nem mesmo utilizar-se do diabinho côxo de que falava Leopoldo Machado. Era tão fácil manobrar as próprias instituições de cúpula, que bastou um apelo ao espírito brincalhão e gozador de Pedro Malasartes. Ele, sozinho, alegre e folgazão, resolveu o problema.

O medo da verdade leva à Criptomania

Um dos piores resíduos do passado, no movimento espírita brasileiro, é o medo da opinião pública. Trata-se de uma doença conhecida, que caracteriza todas as formas de farisismo: a **criptomania religiosa**, o culto das aparências para esconder a verdade. Pensam assim resguardar o prestígio do movimento doutrinário, sem percebe que contradizem a própria essência da sua doutrina. Quase morrem de susto com as nossas denúncias contra os desvios e os crimes doutrinários cometidos por instituições de fachada.

Mas há, felizmente, os que compreendem a necessidade de lutar contra essa atitude antiespírita. É o que vemos no tópico abaixo, publicado pelo jornal **Espiritismo e Unificação**, da União Municipal Espírita de Santos, em sua última edição:

"No episódio da adulteração de O Evangelho Segundo o Espiritismo, o Prof. J. Herculano Pires, embora apoiado por grande parte dos dirigentes, foi criticado porque não fez suas críticas no seio do sistema. Afirmaram que ele deveria comparecer a uma reunião do Conselho Deliberativo Estadual e ali expor suas idéias e argumentos. Então, dizem, o assunto teria solução pacífica, sem a celeuma e os traumas que causou. Sem embargo de que o professor pudesse ir ao CDE e ali expor a adulteração, e mesmo que

o assunto pudesse ser resolvido intramuros, achamos que a sua atitude foi coerente e benéfica à doutrina.

Em primeiro lugar, a direção da FEESP e Paulo Alves Godoy não tiveram o cuidado de, previamente, consultar a USE sobre a validade de publicar, distribuir publicamente, expor em livrarias e vender indiscriminadamente o livro adulterado. Segundo, se resolvesse retirar de circulação os exemplares não vendidos, sem a devida explicação dos motivos, os que tivessem comprado a obra adulterada, pensariam ter em mãos um livro genuíno, refletindo o pensamento de Kardec, o que não acontece. Logo, o livro deveria ser, como foi, condenado publicamente, para que todos fiquem sabendo que é uma edição apócrifa de **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, de Allan Kardec.

A maioria dos que pretendiam situar essa grave questão entre os membros da cúpula do sistema, em nome da harmonia e da estabilidade, talvez não suspeite que atitudes desse calibre, essa excessiva prudência para manter as aparências, podem levar o espiritismo à deriva, porque introduzem um comportamento que, no futuro, levaria à excomunhão, ao anátema e outras formas de coação em nome da ordem, da verdade e da respeitabilidade de entidades e pessoas".

O MEL E O FERRÃO

Isso é o que se chama: "falou e disse!" Nossos companheiros do jornal santista estão prestando grande serviço à doutrina com essas lições aos espíritas de sacristia e à imprensa espírita farisaica, que teima na prática da criptomania, oferecendo ao meio doutrinário e ao público em geral uma imagem deformada do Espiritismo.

No próprio **Evangelho Segundo o Espiritismo**, no tópico intitulado "Afabilidade e doçura", os adeptos da técnica de disfarces encontrarão (nas traduções legítimas) a condenação dessa atitude. Oferecer ao próximo um favo de mel que esconde o ferrão de abelhas africanas é ato de maldade e perfídia.

Alega-se que devemos preservar os neófitos, evitar a desilusão dos que se iniciam na doutrina. Pois a primeira coisa que os neófitos devem aprender é que o Espiritismo, tão acusado de embustes pelos adversários, não tolera embustes e fingimentos, mentiras e trapaças. Sob a égide do Espírito da Verdade, o Espiritismo não pode escudar-se na mentira, temendo a verdade e escondê-la para conquistar adeptos incapazes de compreender os seus princípios renovadores. Não podemos falar e agir em nome da verdade, encapuçados na mentira, enleados no fingimento.

Albino Forjaz Sampaio, comentando em sua monumental História da Literatura Portuguesa o aparecimento da obra A Velhice do Padre Eterno, de Guerra Junqueiro, ressalta:

“Foi como se do céu calmo e sereno da nossa vida constitucional, por um milagre satânico, descesse, fusilante e estrondante, uma revoada de coriscos. O assombro foi geral: nunca no mundo se vira, em verso, um ataque tão desabalado, tão impetuoso, tão frenético à Igreja Católica.”

Mas, Guerra Junqueiro, que escrevera essa obra aos 28 anos de idade e que no dizer de Miguel Unamuno (detentor do Prêmio Nobel) foi “el primeiro de los poetas portugueses de hoy e uno de los mayores del mundo” teria se convertido ao catolicismo no fim de sua vida?

Alguns escritores católicos em livros afirmaram que sim, mas o Poeta já não podia defender-se — havia desencarnado. E a calúnia com tremenda força enraizou-se, inclusive nos meios populares, não obstante amigos de Guerra Junqueiro procurassem desfazê-la imediatamente.

Interessante notar que, longos anos antes do seu desencarne, Guerra Junqueiro, ao ser advertido pelo seu fiel amigo Lopes de Oliveira (biógrafo de Camilo Castelo Branco, Fialho de Almeida e de outros grandes vultos da literatura portuguesa) para que se precavesse contra a Igreja, pois fatalmente mandaria ela emissários ao seu leito de morte para tentar convertê-lo, já agônico, ao catolicismo, o Poeta respondeu (vide o livro de Lopes de Oliveira “Guerra Junqueiro, Memórias”, págs. 74 e 76):

— Não, não morrerei católico. E não morrerei católico porque creio em Deus. O meu Deus não cabe dentro de nenhuma igreja e abrange-as a todas. Impossível que eu renegue o meu Deus — Deus infinito — por um Deus particular, interpretação parcular, senão inversão da Divindade... Converter-me? Mas só os ateus se convertem. E eu creio em Deus; Deus viveu sempre na minha alma.”

E, mais ainda:

— Ouça: se a Igreja viesse buscar o meu cadáver... Não só o autorizo, mas peço-lhe, rogô-lhe que declare bem alto, para que todos o saibam, que é uma mentira; que é uma traição; que até ao último instante persisti na minha fé. Deus não me abandonará... E a minha mulher é incapaz de desonrar a minha memória.”

Mas Lopes de Oliveira tinha razão ao advertir o Poeta... Guerra Junqueiro não morreu de súbito; ficou por longo tempo enfermo e, quando já

inválido, com pouca memória, as mãos trêmulas, velhinho, os trabalhos de catequese começaram, buscando convertê-lo ao catolicismo que ele tanto combatiera no apogeu de sua inteligência e de sua saúde... Mas, mesmo às vésperas da morte, Guerra Junqueiro se mantinha lúcido! “Deus não me abandonará”, dissera ele; e, efetivamente, Deus não podia abandonar quem na Terra sempre fôra impoluto, quer na vida particular, quer na vida pública. Como poderia Deus abandonar um enviado seu? Um autêntico paladino da Verdade, que aos 23 anos de idade denunciou a burguesia dissoluta com o livro A Morte de D. João e que teve a coragem moral de enfrentar, em 1885, de peito aberto o clero lusitano, responsável pelo atraso espiritual e até mesmo material de Portugal, e, mais ainda, os desmandos do rei D. Carlos, em 1907, publicamente, sabendo que teria de enfrentar, em seguida, um tribunal?

O ASSÉDIO

Embora quase agônico, em seu leito de morte, Junqueiro resistia aos catequistas. O Poeta viera do Porto, onde vivia, para a casa de sua filha, em Lisboa, e aí, na capital, os assédios se multiplicaram. Mas foi no Porto que a catequese teve início. Ao saber que Junqueiro estava muito mal de saúde, correu a procurá-lo um professor de Teologia do seminário dessa cidade, o dr. Teófilo Salomão Coelho Vieira de Seabra, mestre em conversões... Mas, após prolongada palestra com o poeta, o teólogo, desanimado, sacudiu a cabeça e exclamou:

— Por enquanto, está muito crú...”

O referido caso vem relatado no livro “Guerra Junqueiro, sua vida, obra e momentos finais” (Ed. Liberdade e Cultura, 1956) de autoria do erudito Tomás da Fonseca; presidente do Conselho de Arqueologia de Coimbra, diretor das Escolas Normais de Lisboa e diretor da Universidade de Coimbra, cujo nome ilustre há de ser ainda citado no decorrer deste trabalho.

O CASO JOÃO GRAVE

Não podemos, também, deixar passar em branco as visitas que o conhecido escritor católico João Grave fez a Junqueiro, no Porto, meses antes do Poeta fixar-se em Lisboa, onde morreria. Durante essas visitas, evidentemente, Junqueiro não se declarou católico, mas João Grave, dois anos depois da morte do Poeta, no prefácio ao poema O Caminho do Céu, faz esta confissão suspeita, cuja ironia corta mais que a lâmina de uma navalha:

“Havia zombado soberbamente do catolicismo, em rimas fulgurantes; e, quando os seus pés começaram a tropeçar na terra solta e fria dos sepulcros, chegou à conclusão de que o significado justo das doutrinas da Igreja Católica é puramente espiritual e que, sob o ténue véu do simbolismo religioso, se encontram as verdades eternas...”

Chega a ser comovente o esforço dialético de João Grave em querer persuadir o leitor que Junqueiro havia se convertido ao catolicismo. Mas não o consegue. E o próprio escritor se incumbe de embaralhar as pedras que armara na mesa de xadrez, ao informar-nos que surpreendera Guerra Junqueiro, arrependido, às vésperas da morte, eliminando os versos que julgava agredir determinadas personalidades...

“O Poeta (diz João Grave ainda no aludido prefácio) não alterava, não buscava novas formas de expressão, não substituiu umas rimas por outras, não introduzia, no texto impresso, estrofes inéditas: — cortava furiosamente, condenava, suprimia tudo quanto lhe parecesse menos justo ou mais cruel!”

“Furiosamente”, diz João Grave, o que não deixa de ser cômico. A verdade, porém, é esta: no livro Pátria, Guerra Junqueiro, realmente, deu cortes e fez alterações nos versos, mas, como acentua

QUEM CONVERTEU

GUERRA JUNQUEIRO?

PESQUISA DE JORGE RIZZINI (REALIZADA EM PORTUGAL E NO BRASIL)

Amorim Carvalho na introdução às “Obras Completas” de Junqueiro, tais alterações foram mínimas e só apareceram numa edição especial, sendo, pois, suprimidas nas edições posteriores. No entanto, ressaltamos nós, Guerra Junqueiro, “arrependido”, não cortou e nem sequer alterou um só dos milhares de versos que constituem A Velhice do Padre Eterno — obra que sacudiu o clero português e que ecoou violentamente no clero brasileiro! Nem uma só vírgula foi tirada do lugar.

Ora, se o Poeta, arrependido de haver sido um iconoclasta, tivesse passado para as fileiras católicas, conforme desejou, ardentemente, João Grave, o livro a ser refundido, da primeira à última linha seria A Velhice do Padre Eterno, é óbvio, e não Pátria, cujo tema, aliás, nada diz à Igreja! E, mais ainda: se, em verdade, houvesse o Poeta se declarado católico a João Grave, este imediatamente o teria proclamado pelos jornais! Mas, não; só o fez dois anos depois da morte de Guerra Junqueiro... Em 1925... Quando já tinha a certeza absoluta de que o corpo do Poeta não se ergueria do túmulo para contestá-lo, publicamente...

PROSAS DISPERSAS

Mas, e a nota que Junqueiro inseriu em 1921 em Prosas Dispersas, à propósito de A Velhice do Padre Eterno e que tanta celeuma provocou? Perguntará o leitor. Não será, de certa forma, uma adesão ao catolicismo? O próprio Guerra Junqueiro responde através de uma entrevista concedida ao escritor e poeta João de Barros e publicada em janeiro de 1922 no jornal A Vitória:

— Dizem por aí que estou católico... A nota publicada nas Prosas Dispersas, ao artigo “Sacré Coeur, tem sido mal compreendida... Sou um crente; creio em Deus. Mas não abdicó do meu raciocínio. E o meu raciocínio combate os erros da Igreja, que foram muitos e graves. Sou um cristão, mas não católico praticante. Não me converti.”

E a Tomás da Fonseca disse, particularmente, referindo-se ainda à nota:

SEMPRE: NÃO!

— Não duvidem de mim. Sou o que sempre fui. De resto, nunca estive mais longe da Igreja católica, porque nunca estive mais perto de Deus...”

Mas foi em Lisboa — diziamos nós, que a catequese chegou ao paroxismo. Raro era o dia em que um missionário não batia à porta da casa do Poeta com uma bíblia debaixo do braço... A todos e a tudo Guerra Junqueiro resistia, agônico, em seu leito de morte, ora movendo a cabeça, lentamente, ora a murmurar, baixinho, um “não”. Mantinha-se, pois, fiel à linha de pensamento que sempre o norteava. Entre os mais renitentes catequistas, por uma questão biográfica, inclusive, devemos pôr em destaque Queiroz Ribeiro, que, aliás, desfrutava da amizade do Poeta. Escrevera ele

A Obra Imortal de Guerra Junqueiro, em dois volumes. O primeiro volume com 240 páginas havia sido impresso, mas não estava ainda à venda; o segundo dependia da esperada conversão; daí o continuo bombardeio de Queiroz Ribeiro junto ao Poeta moribundo, no sentido de trazê-lo, o quanto antes, para o catolicismo... Mas não conseguia e o livro podia ser publicado. E, por isso, desesperava-se. Aliás, já ao tempo em que Junqueiro vivia no Porto, Queiroz Ribeiro constantemente lhe enviava cartas catequéticas... Relata Tomás da Fonseca em seu livro, já por nós citado, que o Dr. Santos Silva (médico de Guerra Junqueiro e que trouxera o Poeta do Porto a Lisboa) afirmara que na última carta endereçada a Queiroz Ribeiro dizia Junqueiro que “não acreditava na divindade do Cristo, na virgindade de Maria e muito menos no inferno”. Não obstante, Queiroz Ribeiro insistia e, agora em Lisboa, com muito mais frequência, chegando a tornar-se inconveniente e, até mesmo agressivo.

INTERVÉM A FILHA

Com a palavra Tomás da Fonseca: “Apenas um, Queiroz Ribeiro, desceu à cruel-

dade de torturar aquela alma, pouco tempo antes de apagar-se, com invectivas como esta: “Vamos, vamos; pouco falta; está já bem perto de nós: um passo mais e estaremos juntos.”

Mas, Junqueiro, agônico embora, resistia E Tomás da Fonseca esclarece:

“É a filha do Poeta que nos conta esse desumano assalto, feito ao Pai, mas a que logo acudiu, gritando: “O senhor mata meu pai; deixe-o.”

Mas Queiroz Ribeiro não o deixava. Da conversão dependia a publicação do seu livro... E, não demorou muito fez nova investida — desta vez ridícula. Quem nos conta é ainda o diretor da Universidade de Coimbra, Tomás da Fonseca:

“A única pessoa que parece ter conseguido alguma coisa foi a sra. Silvina Cardoso, levada à casa do Poeta pelo Dr. Queiroz Ribeiro. Os dois, de parceria, autorizados pela família, introduziram-lhe no quarto medalhinhas, imagens do coração de Jesus e da Senhora de Lourdes, chegando a sua coragem a juntar uma bilha com água nascente de Messabiél, que o Poeta, felizmente, recusou beber...”

Quanto às medalhinhas, Guerra Junqueiro nem as viu, pois já em estado de agonia, quase em coma, mal podia entreabrir as pálpebras. E o material eclesiástico foi retirado dali. Dias depois, bate à porta de Guerra Junqueiro o padre Cruz, da Companhia de Jesus, com sua roupa característica. Mas o gigante da poesia universal, tranquilo, com um leve sorriso nos lábios descorados, já estava na Espiritualidade Mais Alta. Fez a sua passagem gloriosa na madrugada do dia sete de julho de 1923.

O SORRISO FINAL

Diz Tomás da Fonseca, então presente: “Sim, meus senhores, morreu, não a chorar como um pecador que receia a eternidade das penas; mas, sorrindo, conforme pode ver-se pelo molde colhido na sua face cadavérica.”

Os funerais de Guerra Junqueiro foram nacionais. Portugal, nesse dia, silenciou. Quanto à Igreja, restou-lhe o cadáver do excelso Poeta. Os padres levaram-no para o gigantesco Jerônimos, onde se encontram os restos mortais de Alexandre Herculano. Mas, anos depois, foi ele removido do velho mosteiro para o Panteão Nacional — seu túmulo (uma autêntica arca) está vizinho do de Camões. Está hoje, pois, no lugar certo.

Evidentemente, logo após a passagem de Guerra Junqueiro, vários autores católicos denegriram a memória do Poeta, quer em livros ou em jornais. Entre estes, citemos o padre Moreira das Neves, que não podendo convencer os leitores que o autor de A Velhice do Padre Eterno se convertera ao catolicismo, faz este jogo em seu livro Guerra Junqueiro, o Homem e a Morte, que um júri que envergou as modernas letras portuguesas laureou com o Prêmio Ramalho Ortigão:

“Junqueiro morreu católico? Há quem diga que sim e há quem diga que não. Eu não nego nem afirmo.”

Ora, ele que é padre e biógrafo do temível Cardeal Cerejeira, e não sabe?

Mas nem todos os escritores católicos que escreveram sobre o Poeta, logo após sua morte, o denegriam totalmente. Antonio Cabral, por exemplo, em seu tenebroso livro O Talento e os Desvarios de Guerra Junqueiro, obra de pura paixão clerical, tem, pelo menos, a virtude de afirmar, à pág. 234, isto:

"... Guerra Junqueiro morreu. Finou-se, infelizmente, sem confissão, sem receber os Sacramentos..."

Em verdade, é a única verdade que seu livro encerra. E o escritor republicano Mayer Garção, nome respeitado na literatura lusa, em seu prefácio ao livro Horas de Combate, de Junqueiro, registra à pág. LXV:

"Com Guerra Junqueiro, o caso é diverso. Junqueiro, nunca foi ateu, e nunca chegou a ser um católico."

E, para finalizar a dolorosa história da pretendida conversão de Guerra Junqueiro, eis o depoimento da viúva do grande poeta, que o Diário de Lisboa, no dia 14 de dezembro de 1950, divulgou com destaque:

"— Fala-se em arrependimento e conversão, bem sei. Mas, arrependimento de que? Meu marido não tinha do que arrepender-se. Tudo quanto disse e escreveu estava dentro da Verdade e não sei em que reside a irreverência de que muitos o acusam."

PSICOGRAFIA

Nossa pesquisa iniciada nas bibliotecas de Portugal e concluída no Brasil, em torno da frustrada conversão de Guerra Junqueiro, termina aqui. Mas queremos ainda mostrar aos leitores que o Poeta não morreu. Ele sobrevive na Espiritualidade. E tem se comunicado com o povo, que ele sempre amou, através da psicografia. Entre os milhares de alexandrinos que de seu Espírito recebemos, psicograficamente, destaquemos, ao acaso, estes:

ALELUIA

A velha religião Católica-romana
É como enorme abutre a estrebuchar no chão!
A Igreja vai morrer! A mente está insana!
Predisse a sua morte o apóstolo João.

E junto com a corrupta, a falsa puritana,
A sua filha herege, a Civilização,
Já vê também surgir a Morte soberana,
Trazendo-lhe, sinistra, o véu roxo e o caixão!

Esses dois funerais que não de marcar a História
Representam o fim da escuridão pagã!
Jesus, o Vencedor, selou sua vitória

Quando mandou Kardec em fulgente manhã
Trazer para o planeta, aureolado de glória,
A Civilização Espírita Cristã!

40 mil exemplares de Mensagem despertaram o Brasil Espírita

A repercussão do número zero deste jornal, inteiramente dedicado ao caso da adulteração de O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec, foi a mais satisfatória possível. De todo o Brasil estão chegando cartas à Redação, diariamente, de instituição e companheiros de doutrina que se solidarizam com a nossa posição ou que solicitam mais exemplares do jornal, do poema "A Ceia dos Cardeais", que relata em visão espiritual o que se passou na reunião em que a Codificação foi banqueteada ferozmente, e até mesmo do artigo inicial de denúncia do caso, que por falta de um jornal capaz de publicá-lo com a devida urgência teve de sair em boletins avulsos, 64.000 exemplares impressos voluntária e gratuitamente pela Editora Polícor, de Alfredo Cruso.

Do Norte e Nordeste chegaram algumas cartas que servem de exemplo aos que se calam e se omitem, verdadeiros exemplos de convicção espírita, de amor pela doutrina, de respeito pela obra de Kardec e de coragem moral. São pessoas e instituições que salvam o movimento espírita brasileiro, há 25 anos caído em estado de catalepsia moral. O silêncio mortal de tantas figuras exponenciais e de instituições representativas é um sintoma alarmante. Mas a coragem e a indignação das instituições de base, de Centros, Grupos e pessoas do povo demonstra que nem mesmo o quarto de século de domesticação sistemática do chamado Pacto Áureo conseguiu amolecer a fibra dos verdadeiros espíritas.

NA PARAÍBA — NÃO!

O grande NÃO da Paraíba veio, com toda a veemência natural dos paraibanos, numa carta espontânea, sincera e valente de Jorge Borges de Sousa, da qual extraímos os seguintes trechos:

"Recebi os documentos que o prezado irmão remeteu e volto urgente à sua presença. Depois que li o expediente da adulteração feita por Paulo Alves Godoy, imediatamente levei-o ao conhecimento do irmão Laurindo Cavalcante de Araújo, atual presidente da Federação Espírita da Paraíba,

prevenindo-lhe que esse Evangelho adulterado jamais entrará ali para ser semeado ou vendido às mãos do povo. Vou prevenir as livrarias da cidade para que jamais o comprem para semeá-lo por aqui.

"Hoje expedi várias cartas para vários irmãos amigos, juntando material. Para todas as Federações Espíritas de todo o Nordeste remeterei boletins, inclusive ao programa de televisão de Pernambuco, espírita, levado ao ar todos os domingos, dirigido por irmão que tem base doutrinária segura. Remeti à Federação do Rio Grande do Sul, para o Dr. Hélio Burmeister distribuir na reunião do Conselho Administrativo da mesma e remeter para o interior do Estado. Vou remeter ao irmão Lauro Monteiro, presidente da União Espírita do Belém do Pará. Dentro de poucos dias farei a cobertura de todo o território nacional, pois divulgação é comigo."

NA BAHIA DE CASTRO ALVES

Alfredo Miguel, autor do primeiro livro brasileiro sobre o caso das Irmãs Fox e grande divulgador do Espiritismo no Norte e Nordeste, conta-nos que a Bahia está sendo sacudida pela notícia da adulteração e que se levantou em defesa de Kardec, animada pelo espírito de Castro Alves, que vem transmitindo poemas vigorosos através do médium Jorge Rizzini.

Vejamos alguns trechos da carta de Alfredo Miguel, que já nos mandou colaboração para o nosso próximo número:

"Ontem recebi mais pacote do jornal que fez para contar em miúdo tudo o que resultou de sua atitude corajosa, que nenhum espírita imbuido do amor pela doutrina deixará de aplaudir. O meu entusiástico aplauso e a minha irrestrita solidariedade consignei-os no pobre artigo que desejo ver estampado em MENSAGEM. Irei escrevendo mais. Não sou de barulho, porém nesta emergência ficarei firme na trincheira com o honrado e intrépido pai Herculano. Os exemplares do seu bellissimo jornal, os levarei eu mesmo para distribuir nos Centros. E ainda pela palavra falada, aqui em Salvador, alertarei os ouvintes contra essa tradução perniciosa de O Evangelho Segundo o Espiritismo, feita por Paulo Godoy."

"Pois é, meu querido mestre, estarei aqui em Salvador como uma sentinela indormida contra imposturas e impostores. Traduções como essa e Roustanguismo do bastonário da Corte de Bordeau não medrarão aqui. Ainda que fossem uma espécie de Hidra de Lerna, tentaria cortar-lhes todas as cabeças."

SOLIDARIEDADE MINEIRA

Demétrio Pavel Bastos escreve-nos de Juiz de Fora, logo após tomar conhecimento do incrível episódio da adulteração. É um campeão da luta espírita em Minas. Ouçamo-lo: E queira Deus que o seu exemplo toque as consciências ainda adormecidas:

"É meia noite. Estou esfalfado e louco para me atirar na cama. Mas não resisto à necessidade de um desabafo. Meu coração chora com você, face ao lamentável acontecimento dessa tradução de O Evangelho Segundo o Espiritismo."

"O Instituto de Cultura Espírita de Juiz de Fora recebeu os exemplares de MENSAGEM e, na mesma hora colocamos no correio todos os exemplares. Será que O Livro dos Espíritos também será traduzido? Meu Deus, que tristeza!"

"Este o grande perigo das unificações: quando a cúpula vai bem, os filiados vão bem, mas quando ela fraqueja o abalo se alastra. Kardec era mesmo grande: Os homens se sucedem, mas não se assemelham. Preferível mil centros minúsculos a uma grande instituição que engloba a totalidade."

"Eles confundem regiões administrativas, representação, etc., com autoridade para decidir sobre assuntos doutrinários e evangélicos."

"Meu pedaço de papel, arrancado do caderno, me diz que não aguento, que deixo para amanhã. Desculpe-me. Mas embora perplexos, vamos dormir com a nossa consciência em paz."

LAKE EDITORA

AS NOVIDADES DO MÊS EM LIVROS ESPÍRITAS:

ZÍBIA GASPARETTO Entrê o Amor e a Guerra (Romance Mediúnico)	Cr\$ 25,00
J. HERCULANO PIRES A Pedra e o Jolo	Cr\$ 12,00
RUDMAR AUGUSTO A Cor de Deus	Cr\$ 12,00
ALLAN KARDEC O Livro dos Mediuns	Cr\$ 16,00
The Medium's Book	" 30,00
O Livro dos Espíritos	" 14,00
O que é o Espiritismo	" 8,00
O Evangelho S/O Espiritismo	" 10,00
ELISEU RIGONATTI O Evangelho da Mediunidade	Cr\$ 25,00
CLÓVIS TAVARES Meu Livrinho de Orações (Preces Infantis)	Cr\$ 12,00

Descontos excepcionais até 40%. Atendemos pelo Reembolso Postal.
Representantes da FEB, CLARIM, IDE, CEC, FEESP, GEEM, ALVORADA etc.
Peça catálogo atualizado de todos os livros espíritas e folhetos a cores.
Núcleo Espírita Caminheiros do Bem
Departamento Editorial:
LAKE - Livraria Allan Kardec Editora
MATRIZ: Rua do Lavapés n.º 805 - Cambuci.
Fones: 278-1149, 278-6855 e 278-8675
Caixa Postal 15.190 — São Paulo - SP

EDICEL reembolso postal e crediário

OBRAS COMPLETAS DE KARDEC
(Coleção única em todo o Mundo)

Revista Espírita (de A. Kardec)
(Coleção encadernada — 12 vols.)

Os Espíritos falam por gravadores
Um best-seller inglês traduzido)

Coleção Científica Edicel
(Volumes de Ciência Espírita)

Obras mediúnicas de Chico Xavier

EDICEL - Editora Cultural Espírita Ltda.
Rua Genebra 122 (esq. rua Maria Paula)
CEP 01316 - São Paulo

FAESA FÁBRICA DE ESPELHOS SANTO AMARO
TELEFONE 247-1993

COLOCAÇÕES DE VIDRAÇAS, ESPELHOS E CRISTAIS
LAPIDAÇÃO, GRAVAÇÃO E BIZELAGEM

TEMPERADOS E MOLDURAS
CORTA-SE GARRAFAS

PÇA. FRANCISCO FERREIRA LOPES, 96
SANTO AMARO



O corpo Bioplásmico: Impacto na Biologia

ROBERT HENRI FOURCADE

(PARIS — Especial para MENSAGEM)

A descoberta do corpo bioplástico pelos cientistas soviéticos (também chamado corpo energético) produziu vilento impacto na biologia extremamente materialista da URSS. Não porque essa descoberta afetasse de imediato os conceitos básicos da ideologia do Estado, mas porque parecia favorecer as concepções religiosas que o Estado Soviético rejeita e condena. Apesar disso, as perspectivas científicas que essa descoberta abria eram tão fascinantes que os cientistas soviéticos se empenharam a fundo no desenvolvimento das pesquisas.

Iniúshin e Grishenko, biólogos da Universidade de Kasaki, afirmam que a energia de que dispomos em nosso corpo não provém apenas de células físicas, mas também do bioplasma de que se constitui o corpo energético. E vão mais longe ao dizer que a energia material das moléculas é sustentada e ativada pela energia do misterioso plasma que anima todos os seres vivos dos reinos vegetal, animal e hominal.

UM CORPO DE LUZ

A descoberta do corpo bioplástico foi possível graças ao desenvolvimento das pesquisas nucleares da Física, das pesquisas parapsicológicas e da descoberta da fotografia em alta frequência pelas câmaras kírilian. Estas câmaras fotográficas, inventadas pelo casal Kírilian, aplicam-se a fotografar objetos e seres submetidos a descargas elétricas de alta frequência. As fotografias assim tiradas revelaram a existência da chamada aura de objetos e seres vivos, dando início à fase da efluviografia (fotografia de eflúvios ou irradiações em torno das coisas). Nos Estados Unidos, e até mesmo no Brasil, várias imitações das câmaras kírilian produziram o mesmo resultado. As fotos de eflúvios são apresentadas ao público, como fotografias da alma, mas não passam de fotos da aura, irradiações de contornos de objetos e seres.

Os russos foram além, adaptando lentes óticas às câmaras kírilian e adaptando essas câmaras e microscópios eletrônicos especiais, de grande potência, através dos quais puderam ver e observar demoradamente um corpo interno de plasma físico nas plantas, nos animais e nos homens. Esse corpo é luminoso e colorido. Os cientistas soviéticos consideram o corpo luminoso do homem tão surpreendente e fascinante como um céu intensamente constelado, cheio de estrelas cintilantes. A fotografia desse corpo é que se podia considerar como da alma.

O SEGREDO DA VIDA

Os cientistas soviéticos consideram esse corpo como a fonte vital do corpo de carne e osso. Por isso o chamaram de bio-plástico. O prefixo bio (que significa vida) designa a função vital desse corpo, e a palavra plástico revela a sua natureza energética e plasmadora do corpo material. O segredo da vida não está, pois, nas células materiais e seus ácidos internos, mas nas fontes de energia plásmica desse novo corpo. Por outro lado, as fontes de psi, ou seja, dos chamados fenômenos paranormais, também residem nesse corpo, cuja expansão dinâmica permite a percepção extra-sensorial dos homens e dos animais, os fenômenos de movimentação de objetos à distância, as aparições e as materializações.

Sheila Ostrander e Lynn Schroeder, pesquisadoras norte americanas, que visitaram a URSS e entrevistaram os cientistas responsáveis pela descoberta, citam esta explicação tirada de um trabalho científico publicado em 1968 pela Universidade do Kaskistá: "A bioluminescência visível nas fotografias das câmaras kírilian é produzida pelo bioplasma e não pela impregnação elétrica do organismo." Dessa maneira as referências hoje feitas ao chamado efeito corona (um fenômeno conhecido na Física) não têm nenhuma razão de ser. Seria, por sinal, absurdo que os cientistas soviéticos se deixassem enganar de maneira tão simplória em sua própria especialidade. Iniúshin publicou um livro, em 1970, pelas edições oficiais Svóboda, intitulado O plasma biológico dos organismos animais e humanos, em que expõe as minuciosas pesquisas efetuadas a respeito na Universidade de Alma-Ata. Parte dessas pesquisas foram confirmadas por experiências realizadas nos Estados Unidos e em países da Europa.

O segredo da vida está no plasma biológico referido, que se constitui de fluxos de partículas atômicas ionizadas, particularmente de elétrons livres. Na Física

o plasma é considerado como o quarto estado da matéria. Quando a planta, o animal ou o homem morrem, as câmaras kírilian não acusam mais nenhuma luminescência plásmica nos cadáveres. O corpo energético não se extingue, mas se retira do cadáver lançando clarões em forma de chamas, e sua continuidade é captada por detectores especiais de pulsações biológicas, que acusam a sua presença no espaço, à distância do cadáver.

ORGANIZAÇÃO DO CORPO

No livro de Ostrander e Schroeder, Descobertas Psíquicas por trás da Cortina de Ferro (Psychic Discoveries behind the Iron Curtain), as autoras transcrevem trechos de trabalhos científicos da Universidade de Alma-Ata que tratam da organização do corpo bioplástico. Esclarecem os cientistas que esse corpo tem o seu próprio espaço e a sua própria organização. Explicam: "Possui sua própria forma e no seu interior os processos energéticos têm movimentos labirínticos específicos, inteiramente diversos dos padrões conhecidos do corpo material. O corpo bioplástico também possui a sua própria polarização."

Acrescentam os cientistas que o plasma biológico desse corpo especifica-se em cada organismo, em cada tecido e provavelmente em cada molécula. Isso nos mostra a profundidade das pesquisas realizadas. Não resta a menor dúvida, para os pesquisadores soviéticos, de que esse corpo energético é o modelo do nosso corpo físico, o padrão organizador que rege o desenvolvimento do embrião animal e do embrião humano e o posterior desenvolvimento dos corpos materiais.

O HOMEM SOBREVIVE?

A descoberta do casal Kírilian, cientistas armênios, tomou proporções inesperadas. Os cientistas soviéticos estão trabalhando em zona ideologicamente perigosa, pois suas conclusões ameaçam cada vez mais as bases materialistas do próprio Estado Soviético. Mas há uma

válvula de escape a que se agarram para continuar seus trabalhos. O plasma biológico, embora ainda não suficientemente esclarecido em sua constituição completa, tranquiliza-os com a presença das partículas físicas já encontradas. Parece impossível — já a esta altura das pesquisas — negar a sobrevivência da criatura humana após a morte. Mas é possível afirmar-se que essa sobrevivência não é espiritual e sim material. O corpo bioplástico, segundo entendem, constitui-se de matéria em quarta dimensão. Resta ainda aos soviéticos a esperança da segunda morte, da dissolução do corpo bioplástico nessa outra dimensão material.

Por outro lado, como o corpo bioplástico não se apresenta apenas no homem, mas também nos vegetais e nos animais, a questão da sobrevivência em termos religiosos fica anulada, em face da concepção espiritual da tradição religiosa. Mas por outro lado, concepções espirituais como a do Espiritismo e da Teosofia, que consideram matéria e espírito como elementos fundamentais de todas as coisas e de todos os seres, sustentam a tese do corpo espiritual do homem como um organismo constituído de partículas materiais e espirituais em interação, saem beneficiadas dessas pesquisas soviéticas.

Ostrander e Schroeder assinalam no seu livro: "Com o auxílio das fotografias kírilian talvez possamos desvendar ao menos um pouco do mistério da morte. Vendo essas brilhantes e belas fotografias, nunca mais poderemos pensar em nós ou em qualquer pessoa como criaturas de constituição sólida e opaca, destinadas a se tornarem inertes para sempre, como fazíamos antes. Pode ser que cheguemos à conclusão de estarmos mais ligados, através do corpo bioplástico, a todas as coisas do Universo, de forma tão real como jamais imaginamos."

Arthur Compton, cientista atômico, físico nuclear norte americano, afirmou em seu livro O Lugar do Homem no Universo, que por trás da matéria está a energia mas por trás da energia o que se encontra parece ser pensamento. Como se vê, o avanço da Ciência nos integra numa concepção cósmica total.

PADRÃO ESTRUTURADOR

A consequência mais importante da descoberta do corpo bioplástico é a descoberta da forma padrão antecipada por Claude Bernard para a estruturação do corpo humano. Experiências biológicas realizadas nos Estados Unidos confirmam a existência dessa forma, dando razão aos cientistas russos quando sustentam que o corpo bioplástico é uma unidade organizada, um verdadeiro corpo humano de plasma, mas dispondo de centros organizadores para cada setor específico.

No embrião animal ou humano cada parte do corpo é regida por uma forma estruturada especial: o braço, a perna, a mão, o pé, as orelhas, o nariz e assim por diante. A porção de protoplasma de um embrião que devia formar um braço foi removida, por delicada operação de laboratório, para o lugar de uma perna, mas ali se desenvolveu como perna e não como braço. Na Rússia, Alexander Suditski, do Instituto de Morfologia Animal de Moscou, fez curiosa experiência bem sucedida: retalhou em pedacinhos minúsculos um tecido muscular e introduziu-os no corpo de um rato em que havia se deteriorado certo músculo. Com esses fragmentos o corpo reconstituiu o músculo avariado.

Isso mostra que a intuição de Claude Bernard não foi uma suposição sem sentido. As experiências estão se repetindo com sucesso. O centro estruturador que reconstrói com facilidade a cauda da lagartixa não existe apenas nesse animal. O corpo de um cão, de uma ave ou de um homem, todos os corpos animais e até mesmo os vegetais são estruturados por um princípio organizador que parece agir através de processos elétricos. O alcance dessa descoberta na Medicina é imprevisível.

Uma pequenina bolota de carvalho encerra todo o esquema estruturador de uma árvore gigantesca. Toda semente vegetal e todo germe animal ou humano encerram os esquemas de corpos materiais que serão formados pelos elementos necessários, em quantidades suficientes de matéria apropriada que forem postos à disposição e ao alcance das energias estruturadoras.

O impacto das câmaras kírilian na Biologia estende-se, assim, a todo o campo científico. A partir dessas descobertas, não se pode mais falar no misterioso poder da matéria para criar formas vivas. Por trás da matéria, como afirmou Compton, está a energia de que ela procede. Mas por trás da energia existe um pensamento diretor, uma inteligência estruturadora.

"The most important book about ESP research and the validity of the occult tradition yet to appear."
—Los Angeles Times

Psychic Discoveries Behind the Iron Curtain

Sheila Ostrander and Lynn Schroeder
Introduction by Ivan T. Sanderson

The astounding facts behind psychic research in official laboratories from Prague to Moscow
Fully Illustrated